



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO
DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO 3º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL SAO
VICENTE DE PAULA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB**

ANDRÉIA BARBOSA DO NASCIMENTO
FRANCISLAYNE FIRMINO SALES DA SILVA
MARIA PAULA DA SILVA

JOÃO PESSOA – PARAÍBA
MARÇO – 2014

ANDRÉIA BARBOSA DO NASCIMENTO
FRANCISLAYNE FIRMINO SALES DA SILVA
MARIA PAULA DA SILVA

**A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO
DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO 3º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL SAO
VICENTE DE PAULA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia.

ORIENTADORA: Profª Drª Maria Lúcia da Silva Nunes

JOÃO PESSOA – PARAÍBA
MARÇO – 2014

N244I Nascimento, Andréia Barbosa do.

A leitura no ensino fundamental: uma análise do processo de formação de leitores no 3º ano da Escola Municipal São Vicente de Paula no município de Sapé-PB / Andréia Barbosa do Nascimento, Francislayne Firmino Sales da Silva, Maria Paula da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2014.

82f. ; il.

Orientador: Maria Lúcia da Silva Nunes

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

ANDRÉIA BARBOSA DO NASCIMENTO
FRANCISLAYNE FIRMINO SALES DA SILVA
MARIA PAULA DA SILVA

**A LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DO PROCESSO
DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO 3º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL SAO
VICENTE DE PAULA NO MUNICÍPIO DE SAPÉ-PB**

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes - UFPB
(Orientadora)

Profa. Santuza Mônica de França P. da Fonseca
(Professora do Componente Curricular)

Profa. Dra. Maria Erenilza Pereira
(Professor/a Examinador/a)

JOÃO PESSOA – PARAÍBA
MARÇO – 2014

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus que nos iluminou todos esses anos, aos nossos familiares e amigos que não mediram esforços para que este sonho se realizasse. Sem o apoio, a confiança, o incentivo e o amor incondicional deles nada disso seria possível.

À nossa professora e orientadora Maria Lúcia Nunes por toda colaboração e apoio em todas as fases deste estudo.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes em nossa vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu Deus todo poderoso por ter me concedido essa graça de concluir mais uma etapa da minha vida, estando presente em todos os momentos, guiando meus passos durante toda essa trajetória.

Ao grande amor da minha vida, minha mãe Maria de Fátima Barbosa Meireles, que sempre está do meu lado, me dando todo apoio necessário e junto comigo caminhou na conquista deste sonho que está sendo realizado. Obrigada minha mãe, meu tesouro, meu amor!

Ao meu pai (*in memorian*) te dedico essa conquista, apesar de não chegar a te conhecer em vida, sempre esteve presente dentro de mim. Sei que era seu maior sonho compartilhar esse momento tão especial em minha vida e sei que onde estiveres estás feliz. Obrigada meu eterno pai!

À minha linda irmã Bárbara e sobrinhas Raíssa e Rayna, que estão presentes no meu caminhar, me proporcionando alegria e força de vontade para a realização dessa e de outras conquistas.

À minha família, pelo apoio e compreensão.

A todos os professores que durante todo o curso contribuíram para minha formação, me orientando e servindo de inspiração para que pudesse continuar.

Aos colegas da turma, com quem além dos estudos, vivenciamos grandes momentos agradáveis.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho torcendo e confiando em mim.

MUITO OBRIGADA!

Andréia Barbosa do Nascimento

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por ter me dado saúde, sabedoria e força para superar as dificuldades encontradas pelo caminho, e por permitir que tudo isso acontecesse, não somente nestes anos como universitária, mas guiando todos os momentos da minha vida.

A minha família pelo amor dedicado, pelas palavras de perseverança e por acreditar na minha capacidade sempre.

A minha mãe Francinete Silva de Sales, ao meu pai Ubiratan Batista de Sales e a minha irmã Francine Silva de Sales pelas noites sem dormir à minha espera sempre preocupados com a minha segurança durante a longa viagem até a universidade, e pelo apoio e o incentivo incondicional.

Ao meu noivo George Otávio que esteve sempre ao meu lado sendo companheiro, me incentivando nas horas difíceis e nos momentos de desânimo.

Quero deixar meu muito obrigado às minhas tias e tios, primos e minha avó Maria das Neves, por entenderem os meus momentos de ausência dedicados ao ensino superior.

Aos meus colegas de turma pelo desejo sincero de vitória, pelos momentos de cumplicidade e de crescimento que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida, com certeza.

Aos professores por me proporcionarem conhecimentos significativos para minha formação acadêmica e profissional, pelo apoio, orientação e confiança de todos.

Obrigada a todos que mesmo não estando citados aqui contribuíram para que este momento fosse possível na minha vida. Muito Obrigada!

Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!(Salmos, 103:2)

Francislayne Firmino Sales da Silva

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todo o amor que deposita sobre mim, e com suas magníficas bênçãos me presenteou com tesouros mais valiosos: família e amigos; por cada momento da minha história, e estar oportunizando a conclusão deste curso. Para te louvar, Senhor, e pela interseção da Virgem Maria fui capaz de amar o que fazia. Bendito seja Deus!

Aos meus pais, Severino Joaquim da Silva e Teresa da Silva, que além de toda educação depositada são exemplos de perseverança e determinação. À minha mãe que foi determinante na escolha do curso, e que através de sua prática profissional como educadora fazia transcender na sua rotina a fascinação pela profissão. Benditos sejam meus pais!

Ao meu amado irmão Paulo Roberto da Silva, pela sua capacidade de me amar e acolher na nossa convivência familiar. Louvo a Deus pela sua existência.

Ao meu marido Jobson de Carvalho Faustino, que soube compreender os momentos de minha ausência, na dedicação aos estudos acadêmicos, e pelas palavras de carinho e apoio ditas nos momentos em que mais precisava.

A todos os meus parentes, que em suas orações entregavam a minha vida invocando sabedoria e discernimento para optar pelo melhor caminho.

Aos meus amigos de trabalhos e turma pelo apoio sempre prestado, em especial a Andreia Barbosa e Francislayne Firmino, com quem tive a honra de compartilhar este estudo.

Aos professores, serei eternamente grata por todo o conhecimento e confiança depositados mostrando que somos capazes de transformar o mundo através de nossa prática.

Enfim, a todos que fazem parte da minha vida. Muito Obrigada!

Maria Paula da Silva

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

RESUMO

Na contramão de grande parte das pesquisas sobre leitura que discute principalmente as dificuldades, situações de fracasso ou de ausência de leitura e escrita nas escolas públicas de nosso país, este Trabalho de Conclusão de Curso resulta de um estudo de caso sobre práticas de leitura exitosas, em uma turma do 3º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Vicente de Paula (EMEIEFSVP) localizada no município de Sapé/PB, e tem como objetivo analisar se as práticas de leitura desenvolvidas no 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Vicente de Paula contribuem para a formação de leitores. A escolha por esta instituição deu-se pelo fato de as graduandas já terem realizado alguns estágios acadêmicos nesse espaço e, a partir de observações, tornou-se visível que há grande procura dos pais para matricularem seus filhos, mesmo a escola não oferecendo uma estrutura física adequada. O segundo aspecto que conduziu a tal escolha é que, informalmente, alguns pais declararam que a maioria dos alunos consegue ler e escrever, no ano escolar considerado adequado. A fundamentação teórica está pautada em autores que abordam concepções de leitura, a importância da leitura para a vida do ser humano, o desenvolvimento da leitura no ensino fundamental, as práticas de leitura em sala de aula e as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. A metodologia da pesquisa foi uma combinação de pesquisa bibliográfica, para construção do aporte teórico e como subsídio para análise, mais o estudo de caso que permitiu observar e acompanhar o detalhamento das atividades de leitura desenvolvidas na escola, campo de investigação, e mais especificamente na sala de aula, foco da observação. A partir dos dados coletados e do diálogo com a fundamentação teórica selecionada, é possível dizer que a EMEIEFSVP vem desenvolvendo práticas que estimulam a leitura; e, que, mesmo num espaço físico com condições precárias pode-se criar situações que contribuam para a formação de leitores, o que pode ser constatado no fato de que a maioria dos alunos do 3º ano lê e escreve com fluência.

Palavras-chave: Leitura. Práticas exitosas. Ensino fundamental I.

ABSTRACT

Contrary to much of the research on reading that mainly discusses the difficulties , situations of failure or lack of reading and writing in the public schools of our country , this Work Course of Conclusion Results a case study on practices of successful reading in a class of 3rd year of Municipal Preschool and Elementary School São Vicente de Paula (EMEIEFSVP) localized in Sapé / PB , and have to examine whether the reading practices developed in the 3rd year of Primary Education School Municipal Early Childhood Education and Elementary Education São Vicente de Paula contribute to the formation of readers . The choice of this institution was due to the fact that graduation students have already done some academic internship in this space and, from observations became apparent that there is great demand for parents to enroll their children, even if the school does not offer a suitable physical structure. The second aspect that led to this choice is that, informally, some parents stated that most students can read and write in school year deemed appropriate. The theoretical foundation is guided by authors who discuss conceptions of reading, the importance of reading for life of the human being , the development of reading in elementary school , reading practices in the classroom and the guidelines of the National Curriculum Guidelines . The research methodology was a combination of literature review, theoretical framework for construction and as a resource for analysis , plus case study that allowed us to observe and monitor the breakdown of reading activities at school, field research , and more specifically in classroom, focus of observation. From the data collected and the dialogue with the selected theoretical foundation , it is possible to say that EMEIEFSVP has developed practices that encourage reading , and that even in a physical space with poor conditions can create situations that contribute to the formation of readers , which can be seen in the fact that most students in the 3rd year reads and writes fluently.

Keywords: Reading. Successful practices.Primary school I.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. REFLEXÕES SOBRE LEITURA	20
1.1 O que é leitura?.....	20
1.2 A leitura nos anos iniciais do ensino fundamental.....	27
1.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a leitura.....	29
1.4 Leitura e escola: do fracasso ao incentivo.....	33
1.5 A prática da leitura e a formação de leitores.....	43
2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
2.1 Conhecendo o local e os sujeitos da pesquisa.....	49
3- ANÁLISES DE DADOS.....	54
3.1 Os sujeitos da pesquisa.....	54
3.2 O trabalho com projetos.....	59
3.3 Cantinhos da leitura.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICES.....	77

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

INTRODUÇÃO

Muito se discute acerca dos problemas relacionados às dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, já que a maior parte dos conhecimentos humanos é obtida por intermédio da leitura.

Talvez mais do que as outras dificuldades de aprendizagem específicas, as dificuldades na leitura obstaculizam o progresso educativo em várias áreas, já que a leitura é uma via de acesso a uma ampla diversidade de informações (DOCKRELLEMCSHANE, 1997, p.22).

Pesquisas relacionadas às dificuldades de leitura comprovam que os alunos não têm alcançado um desenvolvimento satisfatório apresentando muitas vezes desinteresse, desmotivação e indisciplina, o que tem influenciado significativamente no fracasso escolar. A leitura é algo complexo, pois requer toda uma análise sobre o processo de compreensão do indivíduo interagindo tanto na escrita como oralmente. Como afirma Souza:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com circunstância. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade. (1992 p. 22).

A compreensão que se tem de um texto se dá a partir de uma leitura crítica que nós fazemos, percebendo a estreita relação entre o texto e o contexto em que estamos inseridos. Dessa forma, esse retardamento no desenvolvimento da compreensão da leitura e escrita percebido nas crianças mostra a necessidade de uma reestruturação do ensino, já que as questões envolvendo leitura e escrita têm se tornado um dos desafios da escola. Assim, trabalhar a leitura em sala de aula ajuda a criança a desenvolver o bom relacionamento com as palavras, a interpretação dos fatos, estimulando o desenvolvimento do intelecto e da aprendizagem. A leitura não se dá apenas com os livros, mas também com a observação e interação do indivíduo no meio social que lhe possibilita a relação com o mundo para ser capaz de nele atuar.

Para Paulo Freire (2000, p.5), “Leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver”. A leitura possibilita a inserção no meio social, uma vez que, quando praticada dá oportunidade de o indivíduo argumentar com propriedade sobre os temas que possam surgir no ambiente social em que está inserido. Sendo assim, a criança precisa ser seduzida para a leitura,

desassociando a relação muitas vezes criada pela escola entre o ato de ler e uma obrigação.

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, com isso deve proporcionar práticas que tenham como objetivo desenvolver nos alunos aptidão da leitura para enfrentar os desafios da vida social. Porém atualmente vivenciamos uma realidade escolar que passa por problemas sérios e bastante discutidos, especialmente no que diz respeito às questões de leitura e escrita como fatores de dificuldade no processo de ensino e aprendizagem, principalmente na escola pública.

A leitura e a escola pública no Brasil fazem parte das migalhas distribuídas à população que não pode contar com mais nada além dos serviços públicos, embora a eles se costume atribuir a categoria de conquistas da população ou benefícios do Estado. (SILVA, 1986, p.14).

Historicamente o direito à educação é algo recente, já que o acesso à escolarização por parte da população menos favorecida ou “marginalizada” veio se concretizar nas últimas décadas do século XX. Por séculos, a educação foi marcada pelo caráter elitista tendo em sua formação dois grupos de cidadãos, um para comandar e o outro para ser comandado. Dai a responsabilidade de uma educação precária que não objetiva um ensino emancipador para os brasileiros, independente de cor, raça, sexo e situação social.

O tratamento dado à educação dos pobres no Brasil deixou um legado que pode ser verificado até hoje nos baixos índices de aprendizagem do país, principalmente nas Regiões Norte e Nordeste, regiões mais pobres, e nas periferias dos grandes centros urbanos. Pode ser verificado também nas desigualdades educacionais e sociais entre ricos e pobres; brancos, negros e índios. (IOSIF, 2007, p.19).

Esse insucesso na educação, especialmente das classes populares, trouxe como requisito o avanço na desigualdade social e da pobreza, tendo como resultado o alto índice de analfabetismo de grande parte da população do país.

Apesar da significativa evolução no que se refere ao acesso à escola, a quantidade de brasileiros que sabem apenas escrever e ler o próprio nome ainda é insustentável para um país cujos governantes afirmam ser a educação uma de suas prioridades básicas. (IOSIF, 2007, p.20).

É importante destacar a relevância da leitura para a formação do homem. Dessa forma, percebemos que mesmo com acesso á escola, ainda é grande o número de brasileiros que sabem escrever e ler apenas o próprio nome.

O acesso ao ensino ainda está focalizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental e ainda são poucos os brasileiros pobres que conseguem concluir o Ensino Fundamental e ingressar posteriormente no Ensino Médio e, muito menos, na Educação Superior. (IOSIF, 2007, p.20).

O que comprova a baixa qualidade da educação das escolas públicas de Ensino Fundamental do nosso país, ressaltando o desafio do professor em lidar com os problemas de aprendizagem de leitura e escrita consequentes de um contexto educacional histórico que privilegia apenas uma minoria da população.

Antunes (2003) também questiona o modo como o trabalho com a leitura tem sido desenvolvido na escola; como um exercício tradicionalmente baseado na prática da decodificação da escrita; que a escola muitas vezes limita a única forma de transmissão do saber, esquecendo de diversificar as estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas.

Cardoso e Pelozo (2007) afirmam que nos primeiros anos de escolarização o discente precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autônomo e criativo. Assim, ler continua sendo o meio principal das atividades na escola para o domínio da aquisição do conhecimento nas diversas disciplinas escolares.

Contrapondo-nos à maioria das pesquisas sobre leitura que destacam as dificuldades e o fracasso nesta prática, optamos por estudar uma experiência de leitura que vem se demonstrando exitosa e assim escolhemos como objeto de estudo uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Vicente de Paula, Sapé-PB.

É uma escola de pequeno porte constituída apenas por 228 alunos divididos entre os turnos da manhã, tarde e noite com o funcionamento da EJA. A clientela do São Vicente é composta por alunos na faixa etária de 06 a 12 anos. Os pais dos alunos são de baixa renda familiar, geralmente trabalham na lavoura, ou no corte da cana-de-açúcar, e na feira livre do município, tendo como renda mensal um salário mínimo, dependendo de bolsa escola ou de outros órgãos mantenedores do governo federal.

Tendo em vista o desenvolvimento da aprendizagem por meio da leitura em uma escola com condições não favoráveis em relação à estrutura física, a escola abre as portas para alunos com necessidades especiais, visando a sua efetiva integração na sala de aula regular do ensino fundamental procurando apoio, quando necessário, nos serviços especializados, para atender as peculiaridades e dificuldades dos alunos de educação especial.

O motivo norteador que nos impulsionou a pesquisar essa temática foi tentar compreender como uma escola localizada em uma comunidade carente com uma estrutura física precária esta desenvolvendo um bom trabalho na construção da prática da leitura.

Partindo do pressuposto de que saber ler com eficiência é de extrema importância, formar leitores críticos que não se limitem apenas a perceber os fatos expostos nos assuntos, mais que sejam capazes de compreendê-los tanto para a construção do saber, quanto para a formação da cidadania e fazer com que essa prática se torne cada vez mais frequente no cotidiano escolar tem se tornado o objetivo principal dos educadores da EMEIEFSVP.

Relacionar a aquisição da leitura com a formação de leitores críticos, considerando o contexto histórico-social em que os mesmos estão inseridos, torna-se um desafio não só para os professores como também para a escola. Uma vez que, na prática, essa noção parece distante diante de outras concepções de leitura tradicionais que ainda orientam as práticas escolares, que acabam formando leitores reprodutores, havendo limitações na exploração didática da leitura, o que impede que o aluno conheça o lado lúdico e criativo da leitura.

Essa pesquisa nos proporcionou a oportunidade de conhecer as respostas para as indagações a respeito das dificuldades de leitura e o que pode ser feito para introduzir nas crianças o gosto pelo ato de ler e conseqüentemente a formação de leitores. Assim tentar conhecer o que pode estar influenciando esta experiência de leitura que vem obtendo êxito nessa instituição escolar foi a curiosidade que norteou nossa investigação

Com isto apresentamos a nossa questão de pesquisa: Quais os fatores que supostamente estão influenciando para que uma instituição educacional com uma estrutura física precária obtenha êxito na formação de leitores? O interesse dos pais em matricular seus filhos nessa instituição escolar foi o que nos instigou, a priori.

Dessa forma escolhemos para análise a turma do 3º ano, onde já se espera que os alunos tenham desenvolvido um bom relacionamento com a leitura e também pelo fato de ter um aluno portador de deficiência intelectual, o que vem a contribuir em nossos estudos na área de aprofundamento do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFPB (Universidade Federal da Paraíba).

Logo no início, tomamos conhecimento que a Escola desenvolve alguns projetos centrados na leitura. Considerando o fato que a leitura é um ato essencial na vida do ser humano, a escola trabalha com a metodologia de projetos, contemplando o desenvolvimento da leitura na efetivação de sua prática. A partir da coleta de dados constatamos que a escola utiliza como apoio em sua prática o Projeto Trilhas de Leitura uma iniciativa do Instituto Natura em parceria com o MEC que tem como objetivo inserir as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental em um universo letrado. Propondo um conjunto de atividades favoráveis ao processo de alfabetização de todas as crianças até os 8 anos e o incentivo à leitura em sala de aula.

Além do Projeto Trilhas, a escola também utiliza em sua proposta pedagógica o PNAIC- Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa que possibilita avaliações anuais, formação continuada de professores e distribuição de materiais didáticos, que contribuem para a aquisição da leitura e o domínio de estratégias de compreensão e produção de textos nas crianças até o final do 3º ano fundamental, entre outros projetos didáticos construídos pelos educadores que propõem a formação do hábito de ler, nos alunos do ensino fundamental associados à interdisciplinaridade.

Face à realidade da escola campo de pesquisa, definimos como objetivo geral, Analisar se as práticas de leitura desenvolvidas no 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Vicente de Paula, contribuem para formação de leitores. Para a concretização deste, traçamos os específicos: identificar se o trabalho com a leitura engloba a inclusão de pessoas com deficiência ou dificuldades de aprendizagens; analisar os instrumentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da leitura no 3º ano do Ensino Fundamental; compreender os principais fatores que podem contribuir nas práticas de leitura.

Dessa forma o presente trabalho, além desta introdução, está dividido em três capítulos. Nesta introdução, buscamos destacar a relevância da leitura no desenvolvimento humano ao longo dos anos, fazendo uma análise sobre a escolarização

no Brasil, considerando os altos índices de analfabetismo e enfatizando a competência leitora como requisito para a inserção social do indivíduo. Apontando ainda a nossa questão de pesquisa e os objetivos propostos por esse estudo.

No segundo capítulo, apresentaremos reflexões acerca da concepção de leitura com base na superação da decodificação, sendo compreendida criticamente como uma forma de desvendar o mundo formando cidadãos capacitados para atuarem de forma ativa em meio ao seu contexto histórico social. Refletindo sobre o incentivo a práticas de leitura nas escolas brasileiras, enfatizando para a formação de leitores no Ensino Fundamental. No terceiro capítulo apresentamos um estudo de caso, propondo investigar as estratégias de ensino utilizadas em sala de aula, o papel da escola no ensino da leitura e as repostas dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal São Vicente de Paula ao estímulo à leitura. Apresentando o trabalho pedagógico exitoso que a instituição vem desempenhando no Município de Sapé, PB. Mostramos por meio dessa pesquisa a importância de trabalhar a leitura com a perspectiva de um ensino significativo que contribua para a formação de leitores que compreendam o que leem.

I - REFLEXÕES SOBRE LEITURA

O nosso trabalho busca refletir sobre a importância da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental como um instrumento de inserção social e de descoberta do mundo. Tendo em vista que o hábito de ler deve ser constituído como um ato prazeroso, porém sempre necessário, por este motivo devemos recorrer a estímulos que proporcionem motivação ao introduzir o hábito da leitura em nossos alunos.

Sendo assim, é importante refletirmos sobre o ensino e o incentivo da leitura nas escolas brasileiras especialmente nos dias de hoje, quando são evidenciados diversos fatores que impedem a formação de sujeitos leitores.

É fundamental que o professor compreenda o ato de ler como uma prática presente em nossas vidas que deve ser valorizada, pois traz benefícios inquestionáveis ao ser humano, favorecendo a autonomia do sujeito, o desenvolvimento do intelecto, a construção de uma consciência crítica, além de ser, inegavelmente, um caminho para acesso ao conhecimento. Portanto, a concepção de leitura que o/a professor/a adota é o que define e orienta as atividades que ele/a desenvolve em sala de aula, transformando esse espaço num ambiente favorável ou não à formação de leitores.

1.1 O QUE É LEITURA?

Durante muitos anos acreditou-se que a leitura se baseava apenas na decodificação de códigos. Hoje, nos deparamos com vários estudos que afirmam a existência de diversos parâmetros para definir a leitura, discordando dessa visão equivocada de simples decodificação de códigos ou sinais gráficos, associando a leitura a uma forma de ver e conhecer o mundo.

Na história da leitura no Brasil, não podemos esquecer a contribuição de Paulo Freire, um dos educadores mais notáveis na história da pedagogia mundial e um fervoroso defensor da leitura e da formação de leitores como instrumentos de cidadania e de elevação do indivíduo à condição de sujeito. Com seus estudos, Freire desmistifica a mecanização do ensino, desenvolvendo um pensamento pedagógico assumidamente político, que enfatiza a importância do ato de ler, propõe práticas, especialmente de

alfabetização, com o objetivo de desenvolver a criticidade do aluno em sala de aula e fora dela.

Segundo Paulo Freire, no livro “A Importância do Ato de Ler” em três artigos que se completam, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. (FREIRE, 1981, p.9). Nessa perspectiva, a leitura vai além da mera decodificação de códigos, se amplia na forma de interpretar as informações recebidas por cada indivíduo a partir dos acontecimentos, do contato com uma notícia uma revista, com livros, ou seja, com o mundo. Freire ainda alerta os educadores sobre a importância de considerar o conhecimento já trazido pelos educandos para que esse processo de leitura iniciado na alfabetização seja capaz de formar cidadãos que através da leitura possam ter uma visão crítica de sua realidade.

Embora a inspiração em Freire não esteja anunciada, a concepção do ato de ler, para Brandão e Micheletti. (2002, p. 9) aponta para uma atividade que concorre para a compreensão de mundo pelo sujeito leitor:

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Para compreendermos, de fato, o fenômeno da leitura, não basta o sentido restrito da palavra. Por isso, vamos buscar a definição apresentada por Lajolo (1982, p. 59), que afirma:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

A partir do ato de ler, através da palavra escrita, os indivíduos conseguem interagir. Para Kleiman (1989, p. 10), a “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Ler não significa repetir apenas o que o autor escreve, é dá sentido e interpretar o que estamos lendo, portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado da interação, que implica na construção de significados propostos pelo autor, significados estes capazes de atrair os leitores para a leitura. Assim, “Em resumo,

podemos dizer que quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e que essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo”. (LEFFA, 1999, p.3).

De acordo com Paulo Freire (1992, p.76.) “ler um texto é algo sério [...] é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. [...] Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação”. Freire (1989, p. 8) aposta na leitura como instrumento que dinamiza a relação do homem com sua realidade: “[...] aprender a ler, a escrever, a alfabetizar-se é, antes de aprender ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”.

Através da leitura somos capazes de observar o mundo ao nosso redor de uma forma mais ampla e crítica, possibilitando novos conhecimentos e habilidades, despertando sentimentos e emoções. Para isto, não é suficiente apenas identificar palavras, mas interpretá-las fazendo a ponte entre a leitura e a vida, as ações e as experiências. Segundo Ivana Barreto, professora adjunta da PUC-Rio e professora titular da Universidade Estácio de Sá:

Dentre os vários sentidos com que é tomada a leitura, seria interessante distinguir o da sua inserção escolar. Esta inserção poderá aparecer vinculada à alfabetização (aprender a ler e a escrever), ato de decodificar o signo lingüístico e a leitura adquirir assim o caráter de “estrita aprendizagem formal” [...]ou pensar a leitura como um processo de instauração de sentidos também inserido pela escola na formação do leitor. (ORLANDI apud BARRETO, 2008, p. 21):

É na escola que se propaga a ideia de que o educador deve introduzir a leitura no universo do aluno. Para Silva (2003, p.109), “Quando falo de escolas, remeto-me especificamente ao trabalho dos professores, como fundamentado em concepções de mundo e em preparação técnica para a prática do ensino da leitura”. Tendo em vista que a leitura é um ato que necessita de estímulo e motivação contínua que dá relevância ao papel do docente que necessita compreender este processo. Para compreender esse fenômeno retoma a Ivana Barreto para tentarmos entender a leitura e o papel do professor ao introduzi-la no universo dos seus alunos.

E agora, então, cabe a pergunta: o que seria a leitura? Recorremos mais uma vez, nesse momento da reflexão, a Barthes, que, em meados da década de 80, afirmava que a palavra leitura remete para um conjunto de práticas difusas; sempre considerando a leitura como processo que implica em apreensão,

interesse, percepção, aprendizagem, sensibilidade e produção de sentido. Esta última convém frisar, é histórica e intangível, pois se dá conforme o repertório de experiência de cada indivíduo, de suas leituras. Consequentemente, o sentido nunca está pronto, mas é algo construído. (BARTHES apud BARRETO 2008, p.21)

Sendo assim, a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresente.

No entanto, as questões que relacionam leitura e escola vêm apresentando um impasse no que diz respeito à habilidade das crianças em interpretar e compreender um texto. Muitos educadores afirmam que as crianças que convivem no mundo letrado, sendo estimuladas a ler desde cedo, têm possibilidade maior de desenvolver sua criticidade no ambiente social. Entretanto, a própria população muitas vezes não tem acesso às informações produzidas nas escolas; resultado de uma sociedade injusta e desigual. Se questionados, os próprios educadores dirão que atualmente é dever da escola promover a democratização da leitura.

Porém faz-se necessário analisar como vem ocorrendo a circulação dos textos no ambiente escolar e a produção de sentido sobre os mesmos. Percebemos certa rigidez e controle sobre o ato de leitura e interpretação dos textos na escola.

A escola, que se pretende democrática, na verdade, também exclui, pois mesmo os alunos que têm acesso a ela sofrem, muitas vezes, um tipo velado de exclusão. Isso porque a inscrição do sujeito leitor se faz controlada e dirigida. Ele é instado a confessar aos outros a sua leitura e a corrigi-la na direção do consenso. Dessa forma, pode-se observar um controle do imaginário que se faz continuamente em nome da aquisição do conhecimento. Daí resulta um conhecimento construído sem imaginação e sem investimento pessoal do leitor. (PAULINO, WALTY, FONSECA, CURY; 2001, p. 27)

A leitura para ser eficiente deve partir do interesse do aluno, da relação exercida entre leitor e texto para que haja a descoberta dos significados, mantendo o ritmo do aluno e respeitando as suas limitações. O professor deve estar atento às dificuldades apresentadas pelo aluno, pois caso ele não consiga ler textos com exatidão, apresente palavras que façam parte do seu dia a dia, para que dessa forma ele perceba a pronúncia das palavras e comece a tomar um contato mais expressivo com o que está escrito e como é lido. A sua prática deve ter como objetivo formar leitores competentes, capazes de produzir textos, e esse processo se dá a partir do trabalho didático-

pedagógico com intuito de formar cidadãos qualificados, que consigam compreender o que estão lendo e interpretar a mensagem de cada texto, e mais, interagir com o autor através do texto. Portanto, cabe à escola oferecer materiais de qualidade para seus educandos, incentivo dos professores para prática de leitura e o desenvolvimento de atividades de leitura estimulantes.

Para se tornar um leitor capaz, será preciso uma boa motivação, principalmente por parte dos professores. Em muitos casos a escola é o único ambiente em que as crianças conseguem ter acesso a recursos e materiais que envolvem leitura, no entanto, para desenvolver este processo em sala de aula, será preciso que o professor tenha consciência da importância que a leitura trará para o desenvolvimento sociocultural de seus alunos.

A escola não é o único local de aprendizagem, o meio social em que a criança está inserida é de fundamental importância para formar leitores. O incentivo do hábito da leitura por pais e familiares deve ser oferecido desde a infância, através de histórias, contos, cantigas, brincadeiras e outros meios, que contribuem com o desenvolvimento do processo de construção da leitura dos mesmos.

Segundo Solé (1998), o processo de desenvolvimento da leitura envolve a linguagem em sua totalidade, como o falar, o ouvir, o sentir, o escutar, o escrever, pois a criança vivencia em seu cotidiano todas essas linguagens que elencarão seu aprendizado convencional da leitura.

Solé (1998) diz também que a criança que participa de atividades conjuntas com a família e na escola (elaborar a lista de compras, ler bula de remédio, ler receita de bolo, contar história, ler comunicado da escola, cantar no chuveiro, ler outdoor, placas de ruas etc.) é estimulada a se tornar leitora.

Para Cagliari (1999), a atividade mais importante que serve de âncora para as demais desenvolvidas na escola é a leitura, pelo fato da ligação da mesma com tudo que é ensinado no espaço escolar. Cagliari (1999) realça a importância da leitura pelo prazer de ler. Segundo ele, a criança que se interessa pela leitura consegue resolver uma série de dificuldades enfrentadas em sala de aula. Em outro texto (2004), o autor afirma que ninguém lê sem um motivo; a criança, principalmente, precisa de motivação para o exercício desse ato. Nem todos vêem sentido para a leitura, pois essa pretensão depende também do contexto socioeconômico e cultural no qual o aluno está inserido.

A leitura desenvolvida em sala de aula através de propostas de trabalho dos professores contribui de forma significativa para a formação do leitor crítico quando oportuniza aos alunos participarem e refletirem sobre a importância da leitura em seu processo de ensino-aprendizagem. É importante o professor servir como modelo no processo de desenvolvimento da leitura. Lajolo (1999, p. 108) é enfática: “os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê”. Bordini e Aguiar (1993, p. 28) compartilham desse mesmo pressuposto, “[a] leitura do professor [...] é pré-requisito para a leitura do aluno”.

Compartilhamos do pensamento de Silva(2002) a respeito da importância da leitura para a vida de um indivíduo. O citado autor destaca a função social da leitura quando assevera: “Ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate à alienação e à ignorância” (SILVA, 1986, p. 49). Provavelmente este seja um dos motivos que ronda a dificuldade de formar leitores na sociedade brasileira. Uma vez que cidadãos conscientes lutam por seus direitos, questionam injustiças, desejam uma vida com qualidade. Muito se discute acerca dos problemas de leitura e da enorme dificuldade de fazer com que essa prática se torne cada vez mais presente no cotidiano da população, fato esse que, de acordo com Kleiman (2008), vem se agravando, devido à formação precária do professor e o seu desconhecimento dos resultados de pesquisas em sua área.

Já os resultados dos estudos de Kramer (1998, p. 25) mostram que a escola está assumindo um papel negativo na formação de leitores, pelo fato da “imposição de leituras, provas, datas, arguições, resumos, fichamento, sínteses, a leitura reduzida à matéria, o conteúdo escolar”. Outro problema complexo é a utilização do texto apenas como um pretexto para ensinar regras gramaticais, sem um espaço exclusivo para o desenvolvimento da leitura. Kramer (1998, p. 25) afirma que:

A leitura não pode ser, pois, reduzida às práticas extra ou intraescolares, mas encarada como fator importante no interior de um amplo projeto de política cultural que perceba a urgência de formar/resgatar professores-leitores que, narrando suas histórias, tecem uma experiência de formação.

É comum os professores atribuírem a “crise de leitura” ao método de alfabetização, o que, segundo Silva (1998, p. 49), é um equívoco, pois “não é o método em si, mas sim o professor e o uso que ele faz do método, o elemento mais importante para o encaminhamento do processo de alfabetização e de leitura na escola”; portanto não basta utilizar métodos inovadores, se não forem bem explorados e adequados à

realidade dos alfabetizandos.

Silva (1998) aponta, ainda, a falta de integração curricular das diversas disciplinas ofertadas pela escola como um dos problemas da leitura; fato esse que Cardoso e Pelozo (2007) também ressaltam como um dos elementos que contribui para os baixos índices de leitura, porque termina por desprezar a produção leitora dos alunos. A escola necessita conscientizar os professores que todos são mediadores no ensino da leitura, pois se utilizam da linguagem para comunicação e ensinamentos.

Para possíveis soluções com relação às dificuldades no processo de formação de leitura, a escola precisa sair da teoria e desenvolver práticas que considerem as teorias, utilizando métodos que contribuam no aprendizado dos alunos, com: materiais qualificados, um espaço dentro da sala de aula exclusivo para leitura, disponibilidade de projetos sobre leituras, contribuição do professor, dos pais e familiares, pois sabemos que existem diversas formas e tipo de leitura. Cagliari (2004) diz que ninguém lê sem um motivo; e principalmente a criança deve ser estimulada ao ato ler, e que a situação socioeconômica e cultural em que a mesma esta inserida pode influenciar na importância dada à leitura.

E mesmo com toda a complexidade do processo de alfabetização e letramento é fundamental considerar a leitura como essencial para o desenvolvimento e para a formação escolar e social de qualquer indivíduo, principalmente para a formação leitora.

Podemos então concluir que é urgente ultrapassar a concepção de leitura como mera decodificação de significados para ser entendida como um processo dinâmico e social que proporciona a construção de novas aprendizagens, o fortalecimento de ideias e ações que despertam no ser humano novos aspectos da vida e a compreensão do mundo que o cerca e a influência que a escola exerce nesse processo. Por mais estranho e arcaico que pareça, em pleno século XXI, encontramos práticas de leitura que remontam a séculos atrás.

No item a seguir faremos uma reflexão de como a leitura vem sendo tratada nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sendo principalmente nessa fase da escolarização que o gosto e o hábito da leitura devem ser desenvolvidos.

1.2 A LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Uma condição necessária para realização de um bom trabalho pedagógico consiste em fazer que a criança adquira a capacidade de leitura e tenha acesso a informações disponíveis do meio escrito. É na escola que a criança tem mais contato com a leitura e com a escrita; desse modo, a escola precisa assumir essa responsabilidade, priorizando o ensino da leitura, bem como da escrita (KLEIMAN, 2004). Trabalhar com a importância da prática da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos faz refletir de como está sendo ministrado este processo nas salas de aula, tendo em vista que é nesse movimento que a criança entra em contato informações relevantes para o conhecimento.

É principalmente no Ensino Fundamental que crianças e adolescentes precisam ter contato com diferentes tipos de textos, ouvir histórias, serem incentivados através da observação dos adultos lendo e escrevendo, para que consigam ler e escrever na idade certa. É nesta etapa que a aquisição da leitura e escrita se torna indispensável para aprendizagem das matérias escolares. Por isso a importância do desenvolvimento da leitura e da escrita nesse momento.

Segundo Dutra (2011), ler é uma das competências mais importantes a ser trabalhada com o aluno, principalmente porque recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Uma leitura de qualidade representa a oportunidade de ampliar a visão do mundo. Através do hábito da leitura o homem pode tomar consciência das suas necessidades, promovendo assim a sua transformação e a do mundo.

Em sua proposta pedagógica, a escola precisa estabelecer claramente o que os alunos devem aprender em cada etapa, até a conclusão do Ensino Fundamental. Dessa forma todos os professores podem coordenar seus esforços para conseguir os melhores resultados. Todas as crianças são capazes de aprender. Por isso, a escola precisa organizar suas aulas e suas atividades pensando em todos os alunos, garantindo que todos eles possam se desenvolver na leitura e na escrita (BRASIL, 2006, p.5).

De acordo com os Indicadores da Qualidade na Educação: Dimensão Ensino e Aprendizagem da Leitura e da Escrita, a escola deve estar pronta para proporcionar aos educandos um ambiente organizado com uma equipe gestora que dê apoio ao trabalho do educador na aprendizagem dos estudantes, além da participação familiar nesse processo, é necessário incentivo à leitura, com a criação do ambiente propício dentro e

fora da sala de aula, com bibliotecas que proponham acesso a informações, á cultura e ao lazer.

Segundo Barbosa (1994), a partir do momento que a criança entra em contato com uma situação de leitura, ela inicia o processo evolutivo dessa aprendizagem, pois a escrita está presente em suas várias formas e usos, permitindo considerar uma diversidade de condições de leitor. Recentes investigações apresentam uma semelhança entre aprendizagem da fala e da leitura, ao fazer a comparação entre o aprender a falar e a ler. Já que se a criança aprende a falar falando, é bem possível que a mesma aprenda a ler lendo.

Segundo Kleiman (2008), a leitura precisa permitir que o leitor aprenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Para Smolka (1989), desde a alfabetização, textos, frases, palavras, sílabas e letras, têm que ter um sentido fundamental para a criança, pois é a partir deste processo que a criança poderá se tornar um bom leitor lendo e compreendendo o que lê.

De acordo com o que foi exposto sobre leitura pelos três últimos autores, o ato de ler acontece naturalmente através do significado do que está escrito (texto, frases, palavras etc.). Assim, o individuo é considerado leitor quando faz a compreensão do que está escrito, não bastando fazer a decodificação dos signos, mas fazendo uma ressignificação e transformando o que foi lido.

Villardi (1999, p.4) confirma que “para justificar a necessidade da formação do leitor, há que se admitir que toda a dinâmica da vida escolar está centrada na capacidade de ler e compreender bem o que foi lido”. Por isso se torna indispensável que no início da inserção na escola, se promova o contato com a leitura de textos, frases, palavras, letras e sons; tudo isto tem que ter significados para a criança, estimulando a percepção da leitura presente em seu cotidiano, mostrando que ler é algo envolvente e fascinante, uma oportunidade de descoberta de novos conhecimentos.

A leitura é compreendida como marco importante na formação dos alunos, tendo os anos iniciais do Ensino Fundamental um papel determinante pelo interesse desta pratica. Os autores citados fazem referência aos simbolismos que a leitura traz para a vida humana. Consequentemente, os educadores precisam ter uma maior conscientização a esse respeito e devem buscar alternativas e meios que despertem na

criança o interesse pela leitura, principalmente nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

Como orientação da prática educativa na escola de ensino fundamental, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam sugestões que visam auxiliar o trabalho da escola com a leitura, entre outras atividades que cabe a essa instituição desenvolver. Embora o material não deva ser seguido como manual, todo professor precisa conhecê-lo, até para que possa criticar e identificar seus limites. Vejamos no tópico seguinte uma pequena apreciação das contribuições desse documento quanto ao tratamento que a escola deve dar à leitura.

1.3 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS E A LEITURA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais surgem como uma das ações criada na década de 1990 no Brasil com o intuito de melhorar o sistema educacional brasileiro, tornando mais eficientes as práticas desenvolvidas na escola de ensino fundamental.

Para analisarmos as contribuições que os PCNS trazem para a formação de leitores se faz necessário conhecermos o contexto histórico do seu surgimento, reconhecendo as reformas educacionais que o antecederam.

Diante do que está previsto na Constituição Federal de 1988, do Capítulo II - Dos Direitos Sociais, que dá a garantia da educação, começa assim surgir as lutas para validações do direito na busca de uma educação igualitária para todos. O acesso à Educação Básica é obrigatório em todo o território nacional, e para que de fato este direito seja garantido se fez necessária a execução de lei que subsidiasse a chegada e permanência nas instituições escolares. A década de 1990 foi um período marcado por conquistas neste aspecto, fruto da luta empreendida por novas formas de organização social que almejavam maior oportunidade de acesso à educação por parte das pessoas das classes populares, o que exigia a implementação de políticas educacionais que garantissem não apenas o acesso, mas também a permanência.

Em 1990, o governo brasileiro não contava com um projeto conciso para abranger a educação nacional. “[...], pois não havia propostas concretas por parte do governo capazes de mobilizar a sociedade para ações mais abrangentes em educação.” (ARELARO, 2000, p.96).

Neste período já se lutava por uma legislação que assegurasse com fundamentos

e normatizações o direito à educação de maneira precisa, com atitudes concretas ao processo de democratização do ensino onde já se lutava para fazer valer o que está previsto na Constituição Federal.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional percorreu um longo caminho sendo a primeira LDB a de nº 4.024/61 proposta pelo então Ministro da Educação Clemente Mariani, sancionada em 20 de Dezembro de 1961. Esta foi modificada por emendas e artigos, reformada pelas leis 5.540/68, 5.692/71 e posteriormente substituída pela LDB 9.394/96.

São Diretrizes e bases da organização dos sistemas educacionais que organizam a União, Distrito, Municípios e Estados pautando suas responsabilidades e incumbências, fixando normas gerais para sua execução, levando em consideração os anseios para equidade do ensino, considerando em sua construção o clamor da sociedade em busca de diagnosticar as necessidades e defasagens do sistema nacional de educação.

As políticas Educacionais buscam uma educação de qualidade com direito público e subjetivo a todos. A participação do Brasil na Conferência Mundial de Educação para todos em Jomtien, Tailândia trouxe ao país a responsabilidade de universalizar o Ensino Fundamental e erradicar o analfabetismo do país, assumindo o compromisso de elaborar o Plano Decenal de Educação para todos. Esta conferência resultou em lutas básicas da necessidade de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Após a sanção do Plano, o País faz um balanço dos avanços e melhorias de ensino, através de dados que possibilitem diagnosticar como está o desenvolvimento da nação em relação a um conjunto de países nas mesmas condições de crescimento. Veremos o que propõe o Plano Decenal para qualidade do ensino fundamental.

"Nenhuma criança sem escola" constitui o ponto nevrálgico do Plano Decenal. Todavia, não pode ser uma escola qualquer. A meta do Plano Decenal é uma escola de qualidade, uma escola que efetivamente se transforme em agência promotora da cidadania, assegurando a cada criança a aquisição organizada de conhecimentos básicos necessários ao mundo de hoje, cada vez mais condicionado pelo progresso científico e tecnológico. (BRASIL, 1993, p.5)

As políticas Educacionais, em especial as voltadas para Educação Básica, buscam qualificar o oferecimento do ensino contribuindo na formação autônoma para o exercício da cidadania, vinculado aos conhecimentos necessários para atuar na sociedade. Como o Plano Decenal analisa o grau das melhorias investidas pelo governo,

pautadas pela LDB que regulamenta o ensino básico, nele está contido toda a normatização que deve ser cumprida e obedecida. Para complementar a LDB, surgem os PCNS que funcionam como proposta a ser seguida pelas escolas, embora não tenham caráter obrigatório, pois podem receber complementações referentes às necessidades específicas de sua localidade, passam a reger várias outras ações ligadas ao ensino fundamental, como o próprio sistema de avaliação e o programa do livro didático, por exemplo.

Assim surgiram os PCN. Com o objetivo de ser um instrumento relevante nas discussões pedagógicas, para estruturação e reestruturação do currículo escolar que guia a educação formal. Foram divididos em disciplinas, eixos temáticos e temas transversais que dão um impulso significativo na formação dos educandos.

Faremos uma breve leitura dos PCN de Língua Portuguesa de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, diagnosticando qual sua proposta para o ensino da leitura.

Vejamos o destaque dado pelos PCN de Língua Portuguesa ao ensino da leitura para alunos do ensino fundamental do 1º ao 5º ano:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. (BRASIL, 1996, p.15).

Em meio a esta breve definição, os PCN propõem que é de fundamental importância o domínio da leitura para que assim o indivíduo seja capaz de assumir um papel crítico, reflexivo e participativo dando origem ao um novo caminho guiado por sua própria autonomia de escolha, desencadeando a garantia de seus direitos.

O ensino da Língua Portuguesa na maioria das escolas prevalece como aquisição do conhecimento padrão. Um português sistemático com normas e regras a serem seguidas que serão cobradas nas atividades cotidianas, sem espaço para que a leitura tenha um significado simbólico na vida do aluno.

A sessão “leitura de textos escritos” afirma que a formação de leitores não se dá de maneira passiva com acúmulo de informações, ao contrario é resultante de um trabalho ativo de compreensão, interpretação, estratégias desenvolvida pelo leitor.

O terceiro e quarto ciclos têm papel decisivo na formação de leitores, pois é no interior destes que muitos alunos ou desistem de ler por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar os procedimentos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios postos pela leitura, com autonomia cada vez maior. (BRASIL, 1998, p.70)

Ao assumir esta tarefa de formar alunos leitores, a escola toma como responsabilidade apresentar aos alunos leituras diversificadas, para que os mesmos sejam capazes de se interessar por gêneros textuais que brotam de sua autonomia de escolha, sendo mediados pela ajuda do professor e de outros leitores.

Para formação de leitores é necessário que se construam condições favoráveis, assim os PCN definem alguns meios para esta atividade:

- A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros.
- É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos.
- O professor deve organizar momentos de leitura livre em que também ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro.
- O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais. (BRASIL, 1996, p. 71)

Aguiar (1993), dialogando com estas ideias dos PCNs, fala sobre o dever da escola em apresentar os livros aos alunos através de bibliotecas públicas, feiras, livrarias, jornais, catálogos, revistas, etc., estimulando, desta forma, o interesse do aluno pela leitura. Caberá também ao professor esta estimulação, como também sugerem os PCNs, nos momentos de leitura em sala de aula, permitindo, primeiramente, a escolha dos livros de acordo com o interesse do aluno, para depois procurar ampliar o acervo deste.

Estes são alguns dos meios que os PCN sugerem para a prática da formação de leitores, mostrando que necessita do engajamento dos profissionais no processo de ensino, não só para propiciar materiais e recursos, mas que seu convívio se torne um incentivador, mostrando que o ato de ler é algo prazeroso.

Diante das oportunidades que a leitura oferece, é necessário que haja um comprometimento entre a escola e os profissionais da educação para se ter um aproveitamento maior da relação do aluno com a leitura para posteriormente se construir uma transformação no pensamento tornando-se pessoas reflexivas sobre sua realidade.

De acordo com os PCNS (BRASIL, 1997, p. 54)

[...] a leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa construir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realizações imediatas. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos.

A escola tem que partir do desejo do aluno dando significado ao ato de ler que é necessário para o desenvolvimento social, onde a leitura pode se apresentar por diversas finalidades, seguir instruções, obter informações precisas e acima de tudo que a leitura pode nos condicionar a algo prazeroso que desperta a curiosidade, utilizada também para nos distrairmos e divertimos.

Com base no que vem sendo tratado por este estudo, compreendemos que não é suficiente que as práticas escolares visem apenas alfabetizar os alunos, mas também favorecer ações que proporcionem o gosto pelo ato de ler, encontrando no Ensino Fundamental a chave para o incentivo da leitura. Dessa forma, reconhecendo a necessidade de ampliar a qualidade da leitura nas escolas públicas do nosso país analisaremos no item a seguir ações que visam á melhoria dessa prática no sistema educacional brasileiro.

1.4 LEITURA E ESCOLA: DO FRACASSO AO INCENTIVO

Ao refletir sobre as dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e da escrita no Ensino Fundamental, somos levadas à expressão “fracasso escolar”. A palavra “fracasso” é explicada no Aurélio (2013), como ação de fracassar; malogro, insucesso. Então, o fracasso escolar seria o insucesso da escola caracterizado por múltiplas manifestações como o abandono da escola antes do fim obrigatório (evasão escolar), analfabetismo, reprovações sucessivas que contribuem para os desníveis entre a idade cronológica do aluno e o nível escolar, expectativas baixas dos professores e dos

alunos em relação à escola incluindo a aprovação com baixos índices de aprendizagem.

Para encontrar explicações sobre as causas desse insucesso, buscam-se respostas de ordem social, econômica e cultural, especialmente no que diz respeito às camadas populares da sociedade.

A instituição educativa do século XXI está passando por transformações significativas, devido às mudanças na legislação brasileira, mas principalmente, em função da rapidez e agilidade que acontecem descobertas a respeito de novas tecnologias, o que influencia as relações humanas, modificando assim, a maneira de olhar o mundo. (BENITEZ, 2011, p.3)

Mesmo com essa evolução ainda é possível encontrar vestígios de um sistema educacional dominador e excludente, de uma escola que se mantém centralista, transmissora, selecionadora e individualista, conforme nos ensina Imbernón (2000).

A Constituição Federal de 1988 dedica vários artigos ao direito à educação. Em seu artigo 205, afirma que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p.42)

Dessa forma, podemos compreender que todos os cidadãos têm direito à educação como dever do estado, da família sendo motivada pela sociedade. Porém no Brasil o índice de analfabetos continua sendo alto. Uma realidade que resulta dos modelos de educação tradicionais que não valorizam o potencial dos sujeitos gerando a insatisfação e o abandono escolar.

De acordo com o Ministério da Educação um quadro negativo que revela a situação do analfabetismo no Brasil foi divulgado em 2000, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o “Mapa do Analfabetismo no Brasil” com dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e sobre dados do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), construído pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

O “Mapa do Analfabetismo no Brasil” surgiu da iniciativa do professor Cristovam Buarque quando tomou posse como Ministro de Estado da Educação do Governo Lula, seu discurso apontou como prioridade a implantação de políticas de inclusão social para concluir a abolição da escravidão no Brasil, para ele incompleta. O pilar do seu discurso está apoiado no reconhecimento dos avanços da área educacional

prevendo o combate ao analfabetismo em nosso país, afirma Otaviano Augusto Marcondes Helene, presidente do Inep. Neste documento podemos encontrar um panorama do analfabetismo no Brasil desde os primórdios da história, já que esta problemática possui uma extensa trajetória, partindo para as desigualdades regionais e municipais encontradas em nosso país.

Ao apresentarmos uma síntese dos dados sobre analfabetismo no Brasil, o primeiro ponto a se considerar é que se trata de um problema que possui uma longa história no País. Assim, em sua interessante obra *História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)*, escrita em 1889, José Ricardo Pires de Almeida (2000) comenta o fato de que no Brasil Colônia “havia um grande número de negociantes ricos que não sabiam ler” (p. 37). Prova disso é que no Império admitia-se o voto do analfabeto desde que, é claro, este possuísse bens e títulos. O autor relata outro fato que também ajuda a entender as causas desse fenômeno e que ainda hoje se encontra presente: os baixos salários dos professores que impedia a contratação de pessoal qualificado e que levava ao “afastamento natural das pessoas inteligentes de uma função mal remunerada e que não encontra na opinião pública a consideração a que tem direito” (idem, p. 65). No mesmo trabalho, ele mostra que, em 1886, enquanto o percentual da população escolarizada no Brasil era de apenas 1,8%, na Argentina este índice era de 6%. Fatos como esse ajudam talvez a entender porque, em 2000, enquanto a Argentina ocupava 34º lugar no ranking de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o Brasil ocupava a 73ª posição, em situação bem inferior à de outros países da América Latina. (ALMEIDA apud HELENE, O. 2000 p.6).

Com isso percebemos que o analfabetismo no Brasil evidencia as desigualdades sociais históricas que percorrem a atualidade e que devem ser tratadas dentro do âmbito social e econômico, já que geralmente esses analfabetos são idosos, moradores da área rural e indivíduos de baixa renda com poucas oportunidades. Diante desses dados entendemos que essa situação não está ligada apenas a problemas no sistema de ensino, mas a uma herança de 20,30, 40 anos atrás.

O Jornal Folha de S. Paulo em uma publicação de janeiro de 2014, divulgou que o Brasil é o 8º país com mais adultos analfabetos de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), onde do total de 774 milhões de adultos analfabetos no mundo, 72% deles estão em dez países, entre eles o Brasil. Esses dados fazem parte do relatório divulgado pela UNESCO sobre seis metas para melhorar a educação até 2015.

Em 2012, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) divulgou que no Brasil existem 13,2 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais.

De acordo com os últimos dados do IBGE a maior parte dos analfabetos encontra-se na região Nordeste, em municípios com até 50 mil habitantes, na população

com mais de 15 anos, entre negros, pardos, e na zona rural o que revela uma população historicamente marginalizada.

Atualmente, do ponto de vista dos recursos econômicos e da qualificação dos seus docentes, o Brasil tem condições de alfabetizar seus 13 milhões de analfabetos tendo em vista que próprio conceito de analfabetismo vem sofrendo alterações ao longo do tempo. No passado era considerada alfabetizada a pessoa que conseguisse ler e escrever o próprio nome, hoje em dia o IBGE considera, em suas pesquisas, alfabetizada “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”.

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia; não basta aprender a ler e escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com práticas sociais de escrita. (SOARES, 1998 p. 45-46).

O que nos remete a uma trajetória de sucessivas mudanças, onde nos deparamos com uso do termo letramento. Kleiman (2005, p. 11) nos diz que o letramento não é alfabetização, mas a inclui. Ou seja, letramento e alfabetização estão associados.

Letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno, nesse processo não basta apenas juntar letras para formar palavras e reunir palavras para compor frases, deve-se compreender o que se lê, assimilar diferentes tipos de textos e estabelecer relações entre eles. (SOARES, 2010, p.21)

Leal (2004, p.51), por sua vez, afirma que “... letramento não é uma abstração, ao contrário, é uma prática que se manifesta nas mais diferentes situações, nos diferentes espaços e nas diferentes atividades de vida das pessoas.”

Segundo consta numa reportagem da Revista Novo Escola, escrita por Denise Pellegrini (09/2001, edição 145), para ler e escrever de verdade, não basta somente ensinar os códigos de leitura e escrita, relacionando sons à letras. É preciso tornar os estudantes capazes de compreender o significado dessa aprendizagem para usá-la no dia a dia de forma atender as exigências da própria sociedade, em outras palavras, promover o letramento tanto quanto a alfabetização. O letramento dos alunos é importante para a conquista da cidadania, pois o indivíduo letrado é capaz de se instruir por meio da leitura e de selecionar, entre muitas informações aquela que mais interessa a ele. (JUSTO; RUBIO, 2013 p.5).

Paulo Freire traz em seus estudos “[...] uma concepção de alfabetização como prática da liberdade, educação como conscientização [...]”. (2007, p.119). O professor Ernani Maria Fiori apresenta no prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido* (1974, p.5) a seguinte definição:

Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existir-se, historicizar-se. Por isto, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como idéia animadora toda a amplitude humana da “educação como prática da liberdade”.

Freire em seus estudos enfatiza a importância de na ação educativa existir uma reflexão crítica em que os alunos vejam e analisem suas próprias experiências, dessa forma revelar ao indivíduo uma visão de mundo para afastá-lo de uma condição de alienação e domesticação promovendo assim uma alfabetização libertadora, que não se limite à decodificação de símbolos linguísticos, mas fazer com que os alunos sejam capazes de compreender o que leem, usando assim o que aprenderam no seu dia a dia, acompanhando a existência da sociedade como um indivíduo tanto alfabetizado quanto letrado. O letramento nos alunos é fundamental para a conquista da cidadania, pois lhes proporciona a instrução por meio da leitura, e é justamente a escola que deve criar as condições necessárias para o letramento; sabemos que sozinha a escola não forma leitores, mas pode dar subsídios para que o educando seja capaz de usar vários tipos de linguagens em situações diversas. Enfatizando que desde a implantação da República no Brasil a educação passou a se impor como condição necessária para o desenvolvimento do país.

A escola do século XXI, conforme os estudos de Imbernón (2000, p. 5), “deve deixar de ser o lugar onde se aprende o básico e se reproduz o conhecimento dominante para assumir que precisa ser também uma manifestação de vida em toda sua complexidade”. Ao fazer essa reflexão nos deparamos com a realidade de um sistema frágil e desigual. Uma escola pública que vem sofrendo para alcançar bons resultados e um país que deposita na educação a solução de todos os problemas sociais. Escola que durante séculos assumiu uma postura hierarquizante selecionando os alunos mais aptos e excluindo os que não fossem capazes de acompanhar as exigências que ela mesma impunha. Nesse momento seu principal desafio é a “igualdade” no sistema educativo que proporcione educação de qualidade.

Considerando os baixos resultados apresentados pelos alunos das escolas públicas de Ensino Fundamental em avaliações como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e os dados críticos levantados pelo Sistema Nacional da Educação Básica – SAEB sobre os indicadores de desempenho em leitura das crianças ao final dos primeiros e dos últimos anos Ensino Fundamental é feita a distribuição de acervos de livros às escolas, alunos e professores pelo *Programa Nacional Biblioteca da Escola* (PNBE) que cumpre de forma tímida sua função de promover a inserção dos alunos na cultura letrada, com a finalidade de implementar nas escolas uma política de formação de leitores.

Como uma ação pública de incentivo à leitura, o PNBE vem desde 1998 com a proposta de melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada, no momento de sua escolarização com a compra e distribuição de livros nas escolas. Com esse programa o objetivo do Ministério da Educação é contribuir para a reflexão de gestores e professores no que diz respeito às práticas de leitura que se desenvolvem na escola, à formação do professor e à situação do espaço físico necessário para a implantação da biblioteca escolar, de forma a integrá-la à dinâmica escolar como ambiente central aos processos de aprendizagem e de disseminação de informação.

Apesar da importância que a biblioteca escolar possui para o desenvolvimento da leitura, apresenta uma realidade bem distante do ideal. De fato uma proposta boa, mas não é bem assim que acontece; os livros chegam, porém as escolas não estão preparadas para recebê-los, carecendo de um espaço reservado para biblioteca, profissionais capacitados para esse trabalho, o que acaba deixando a proposta no papel.

Na maioria das escolas públicas não existe um espaço destinado a bibliotecas e quando há, pela falta de investimento e recursos profissionais da área, não passa de um simples local abandonado.

De fato, quando existem nas escolas espaços denominados bibliotecas, estes não passam, na maioria dos casos, de verdadeiros depósitos de livros ou, o que é pior, de objetos de natureza variada, que não estão sendo empregados no momento, seja por estarem danificados, seja por terem perdido na sua utilidade. Às vezes, a “biblioteca” é um armário trancado, situado numa sala de aula, ao qual os alunos só tem acesso se algum professor se dispõe a abri-lo... Quando a chave é localizada. (SILVA, 2003, p.15).

A biblioteca escolar deveria ser o local principal para os alunos terem o contato agradável com os livros. O que deixa claro a necessidade de uma política de formação

de leitores que vá além das ações de aquisição e distribuição de livros e acervos às escolas públicas de educação básica. Justo a biblioteca que deve estar integrada ao processo educativo desempenhando um papel fundamental nos momentos de aprendizagem e de formação de leitores.

Francisco Weffort, no prefácio ao livro de Paulo Freire, *Educação como Prática da Liberdade* (1967, p.12), questiona “Se a tomada de consciência abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se devem a que estas são componentes reais de uma situação de opressão”. Como se os governantes não quisessem de fato essa conscientização através da educação por temer que a sociedade de fato se conscientize dos seus direitos de cidadãos. Segundo Paulo Freire (2000), leitura e escrita são meios de conscientização e transformação das realidades sociais. Contudo percebemos que a leitura no Brasil nem sempre é aplicada como uma prática social que deve ser exercida no cotidiano das crianças e dos jovens brasileiros, assim, a alienação e o desconhecimento levam-nos a se manterem a margem da sociedade.

A Secretaria de Educação Básica (SEB) realizou, em 2005, uma série de seminários regionais, onde foram discutidas com representantes dos sistemas públicos de ensino as ideias e conceitos que norteariam essa política. Paralelamente, foi realizada a pesquisa em questão sobre o impacto da distribuição dos acervos do PNBE nas práticas de incentivo à leitura desenvolvida nas escolas brasileiras.

A partir dessa pesquisa, pode-se traçar uma espécie de “retrato” do que vem acontecendo nas escolas brasileiras desde 1998, quando o MEC passou a distribuir, sistematicamente, acervos literários coletivos e individuais às escolas públicas de ensino fundamental de todo o país.

Defendendo a valorização da leitura como um instrumento emancipador que promove o exercício da cidadania e o conhecimento crítico e diversificado do mundo, além do PNBE outros programas como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) desde 1992, por parte Ministério da Cultura (MinC), e o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), comandado pelo Ministério da Cultura e o da Educação, criado em 2005, trazem iniciativas de promoção à leitura nas escolas públicas brasileiras. A meta desse Plano é reduzir o número de cidades brasileiras sem uma biblioteca ou sala de leitura (BRASIL, 2003).

Outra política Educacional criada pelo governo é o Pacto Nacional da Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) implementado nas escolas no ano de 2013, para garantir a alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade. Os professores participam de uma formação continua com orientações das atividades escolares.

Apesar de alguns avanços, ainda estamos frágeis na consolidação de políticas e praticas que visam à formação de leitores em nosso país. De acordo com um relatório divulgado em dezembro de 2013 pela Agência Brasil:

Apesar de ter conseguido uma evolução significativa nos itens avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), em leitura, o Brasil subiu de 396 pontos em 2000 para 410 pontos em 2012, colocando o país no mesmo patamar da Colômbia, da Tunísia e do Uruguai, abaixo da média da OCDE. Na América Latina, os estudantes brasileiros tiveram desempenho inferior aos colegas chilenos, costa-riquenhos e mexicanos. Mas, se saíram melhor do que os argentinos e peruanos. O estudo atribui a evolução do Brasil nesse item somente aos avanços econômicos e sociais no período. A pesquisa mostra que 49,2% dos estudantes brasileiros conseguem no máximo entender, a ideia geral de um texto que trate de um tema familiar ou fazer uma conexão simples entre as informações lidas e o conhecimento cotidiano (BRASIL, 2013, s/p).

Mais uma vez constatamos a força exercida pelos aspectos sociais e culturais que contribuem para a aquisição da leitura, além de ficar clara a importância da conciliação entre governantes e sociedade na coordenação dessa luta.

Maria Antonieta, do Ministério da Cultura (MinC), alerta que “antes de tudo, é fundamental disseminar na própria sociedade essa discussão do valor da leitura”. E continua afirmando que com “a família tão pouco letrada como temos no Brasil, devido a uma porção de fatores sociais, a escola torna-se a grande esperança para formação de uma sociedade leitora. É claro que ela não atua sozinha, mas pode deslanchar o processo primordial”. Não há dúvida de que uma sociedade leitora amplia as possibilidades de qualificação humana.

Quem lê aumenta seu repertório de atuação sobre o mundo à sua volta E, naturalmente, uma sociedade leitora amplia suas possibilidades de qualificar as relações humanas e resolver os problemas cada vez mais complexos que a elas se apresentam. É preciso dar conta do texto do mundo e, como dizia Paulo Freire, ante a este mundo enigmático, nós precisamos aprender a dizer a nossa própria palavra. (PNLL: Textos e Historias 2006-2010, p.23).

Mais uma vez enfatizamos que a leitura possibilita saberes, prazeres, reflexões e ações, podendo ser um fator diferencial na vida das pessoas, e de promoção da inserção social.

Quem nasce em uma família de pais leitores, quem é apresentado ao livro por bons professores, quem experimenta o prazer de um livro bem lido, o prazer e o deleite estético de um belo texto, sabe da importância da leitura para a plena realização da nossa humanidade. (FERREIRA, 2006, p.24)

Dessa forma, tentar compreender a importância do ato ler e a necessidade do incentivo a essa prática, seja no ambiente familiar ou na escola, pressupõe um trabalho árduo, porque vai buscar as relações que existem entre o contexto e as condições que constituem as relações sociais do indivíduo.

Retomando o importante papel da escola em promover a leitura como algo espontâneo, prazeroso e enriquecedor, é fundamental que aluno e professor antes de tudo compreendam o ato de ler como um processo importantíssimo não só para a aprendizagem escolar, mas como pré-requisito para a inserção social.

É no Ensino Fundamental que nos deparamos com a defasagem da leitura dos alunos, desde o despreparo profissional do educador enquanto leitor à falta de incentivo da leitura espontânea nos alunos, uma vez que algumas escolas assumem um sistema que tem como base a tradição gramatical nas atividades relacionadas à língua materna, limitando a prática da leitura a uma atividade de busca de informações explícitas e identificação de categorias gramaticais ou outros aspectos normativos.

[...] a escola deve aumentar a abrangência do conceito de leitor - alguém que compreende as diferentes linguagens que circulam em sociedade para que não corramos o risco de formar unicamente o leitor da palavra, mas sim um leitor que seja capaz de construir, de forma crítica, diálogos com a realidade. (SILVA apud ROCHA, 2008, p.20)

Assim, o papel da escola não seria unicamente o de ensinar a ler, mas o de mediar leituras diversificadas contextualizando com a realidade vivenciada pelo aluno.

Nesse sentido a forma como o professor organiza o trabalho com a leitura na sala de aula tem influência significativa para a formação de sujeitos- leitores capazes de compreender e interpretar textos.

Para que isso aconteça, é importante essa compreensão histórica de leitura, conhecendo as causas desse fracasso encontrado nas escolas brasileiras, relacionado à leitura e que esta intimamente ligada a métodos tradicionais mecanizados. Talvez esse seja o principal responsável pela situação em que se encontra o sistema educacional do nosso país. Um sistema baseado apenas na leitura de conteúdos didáticos e

memorizados, resumida à decodificação que em nada contribui para o conhecimento e a interpretação crítica do mundo que o aluno tanto necessita.

Mas, esse não é o único problema encontrado nas escolas. Não é difícil localizar situações em que mesmo com políticas educacionais visando à formação de leitores e com a distribuição de livros literários nas escolas, os alunos nem chegam a ter contato com o material, e quando tem não existe uma mediação competente que oriente o uso. Os livros, na maioria das vezes, são deixados em estantes empoeiradas privando o aluno de enriquecer o seu conhecimento através da leitura.

É importante que, em sua prática, o professor desenvolva com seus alunos a leitura informativa, que pode ser através de jornais e revistas ou textos científicos. Para tal prática é necessário que as questões referentes à análise do texto sejam de cunho contextual, para que se explore do aluno todas as condições possíveis de analisar elementos intra, inter e extratextuais.

E o que enfatiza Villard (1999, p. 4):

Inúmeras são às vezes em que, em reuniões de professores, colegas da área de matemática, por exemplo, queixam-se de que seus alunos não resolvem os problemas propostos “porque não sabem ler”. Portanto dificuldades de compreensão afetam diretamente o desempenho do aluno, não só no que diz respeito à linguagem, mas em todas as áreas de conhecimento, e, o mais grave durante toda a sua escolaridade.

Villard, em seu exemplo, deixa explícito que o uso de textos não está restrito apenas à língua portuguesa, mas nas diversas disciplinas, aproveitando a interdisciplinaridade para criar no aluno o gosto pela leitura.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental preconizam a ação interdisciplinar indicando que a escola é responsável pelo ensino-aprendizagem dos alunos, e sua formação inclui estar aptos a:

[...] utilizar as diferentes linguagens verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal _ como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação, (BRASIL, 1996, p. 9).

Dessa forma, cabe ao professor estar atento à qualidade de leitura que transmite aos seus alunos como um fator determinante no processo de aprendizagem dos mesmos. Já que na atualidade um dos maiores desafios da escola, pais e professores é criar o gosto pelo livro entre as crianças e os jovens.

[...] o professor deve procura oferecer ao aluno os mais variados tipos de texto, afim de que se familiarize com os diferentes tipos de discurso. Porém, o texto literário, em função do caráter específico de sua estrutura de linguagem, deve ocupar um lugar prioritário em relação ao trabalho desenvolvido na escola. (VILLARD, 1999, p.6)

O professor deve em sua sala de aula criar condições propicias e que desenvolvam a leitura de maneira dinâmica, utilizando fontes presentes no cotidiano dos alunos como: noticia receitas, cartas, bula de remédio; dinâmicas envolvendo conto e reconto de histórias, fichas de leitura entre outros. Essas estratégias contribuem para que o ato da leitura não se torne uma atividade enfadonha, e sim prazerosa.

Nas próximas discussões mais uma vez ressaltaremos que o processo de formação de leitores deve sair da teoria e ser aplicado na prática. Nós professores precisamos incentivar e estimular o interesse dos alunos pela leitura, aproveitando o acervo de livros disponíveis na escola e criando um ambiente adequado em nossas salas de aula, utilizando materiais diversos e sempre dando ênfase a uma leitura compreensiva e interpretativa.

1.5 A PRÁTICA DA LEITURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Diante as dificuldades encontradas nas escolas com relação à leitura, é preciso pensar em trilhar caminhos que possam formar leitores habilidosos, como também repensar criticamente o fazer pedagógico, pois “Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente.” (BRASIL, 2001, p. 58).

Daí surge à necessidade do professor encontrar estratégias adequadas para trabalhara leitura, propiciando situações para que os alunos se tornem leitores capazes de interpretar o mundo que o rodeia. A prática de leitura se faz presente no cotidiano do indivíduo, em suas casas no convívio com a família, na sociedade, ou seja, nos lugares que os mesmos frequentam e na escola que tem um papel fundamental na formação de leitores.

Conforme Góes (1991, p. 27), o contato com a leitura “[...] deve ter início desde cedo, pois o indivíduo que lê acelera o seu grau de entendimento do mundo em sua volta, imagina, aprende e escreve melhor.” Para Magnani (1989, p. 27), “a leitura da

palavra escrita pressupõe a alfabetização, o que em nossa sociedade e cultura livresca se dá no âmbito escolar.”

Vários autores ressaltam a importância da leitura desde cedo para um melhor desenvolvimento na formação de leitores, o indivíduo terá condições de escolher os textos de acordo com seu interesse, compreender melhor a leitura e amadurecer intelectualmente, fazendo com que o gosto pela leitura aumente. Micheletti (2000, p. 15- 6) afirma que:

Ler um texto [...] é atribuir significações. Atribuir significações pressupõe uma re-construção do texto que nos é apresentado. Esse processo envolve um mecanismo de decodificação e ativação de todos os conhecimentos de que o leitor dispõe.

É na escola, a partir das diversas práticas de leitura, que a criança se torna um leitor atuante, principalmente no Ensino Fundamental. A partir do incentivo e das diferentes formas de praticar a leitura, o aluno começa a sentir gosto pela leitura. Para Machado (2001, p.4), “Não há incentivo maior para a leitura do que conviver com pessoas que lêem muito por puro prazer, pois a criança percebe de longe quando há sintonia entre o que o adulto diz e aquilo que ele faz”.

Já Foucambert (1999, p. 10) destaca que:

Estágios para treinamento e aperfeiçoamento da leitura permitirão que os professores entendam melhor os processos envolvidos nela e no seu aprendizado; com base nessa sua prática de leitura, eles poderão escolher as melhores intervenções de ensino junto às crianças.

Com base nessa informação, começamos a perceber como o professor contribui na formação de leitores, tanto nos aspectos intelectuais como sociais. Cabe aos professores aperfeiçoar a formação de leitores envolvendo os pais e a comunidade escolar nas atividades de leitura dos seus alunos. Para formar leitores críticos é preciso mudar as práticas de leituras vivenciadas nas escolas. De acordo com Machado (2001, p.4).

Entretanto, em algumas situações de leitura, é estimulante compartilhar os aspectos mais significativos do enredo com outras pessoas. Nesse sentido, a escola é um dos espaços ideais para que ocorra essa troca, devido às oportunidades de convivência que ela proporciona. Além disso, o educador pode estimular o debate com questões e brincadeiras relevantes.

Muitas vezes, o professor utiliza apenas o livro didático para trabalhar com os

alunos, não desmerecendo os livros, pois os mesmos têm uma contribuição significativa na formação do indivíduo, é que não podemos nos limitar apenas a essa prática, pois a leitura faz parte do nosso cotidiano, e existem diversas formas de abordá-la, que não dependem, necessariamente, do livro didático.

Em uma sala de aula do Ensino Fundamental, por exemplo, um professor (a) pode trabalhar com diversos métodos que envolvam a leitura. Primeiro é necessário que o (a) mesmo (a) conheça seus alunos, pois sabemos que existem realidades diferentes. Cada aluno possui uma história escolar diferente dos demais e vice versa, por isso a importância de conhecer a realidade da turma. Com isso é importante conhecer a realidade da escola com relação aos materiais que a mesma possui para trabalhar com a leitura, porém não podemos ultrapassar a realidade da escola.

É importante também conhecer os projetos ligados à prática de leitura que a escola dispõe, para que os alunos participem desses trabalhos que envolvem toda a escola e que terá contribuição para a formação dos alunos.

Diante de todos esses processos de conhecimento, o professor (a) precisa ir para a prática. Construir junto com os alunos uma sala de aula que proporcione o gosto pela leitura, como por exemplo, organizar “cantinhos de leitura”, as “rodas de histórias” e as “bibliotecas da turma”, como afirma Machado (2001, p.4) “Criar uma “rede de leitores” é uma tarefa diária, “miúda”, que se estende por um longo tempo”.

No livro “Histórias de Ana Maria Machado”, a autora aborda formas de trabalhar a leitura em sala de aula. Em relação ao “cantinho da leitura” e “bibliotecas da turma”, a sugestão é que os professores trabalhem de forma dinâmica com os alunos, envolvendo-os na prática da sala de aula, ressaltando que:

Uma ideia simples para organizar uma biblioteca de sala de aula é pregar três ou quatro prateleiras em uma das paredes. É importante que as prateleiras sejam colocadas em uma altura compatível com a das crianças para que estas possam escolher os livros sozinhas. Com os alunos, arrume os livros em cestas de plástico, que serão depois colocadas nas prateleiras. Para essa faixa etária, é mais fácil organizar os livros por assunto: cesta dos contos de fadas, cesta das histórias folclóricas, cesta das coleções etc. Os alunos podem criar um símbolo para cada “cesta”, ou seja, para cada assunto. Peça a eles que desenhem cada símbolo em uma etiqueta, pregando-a na respectiva cesta. (MACHADO, 2001, p. 5)

Em seguida, propõe como trabalhar “A roda de histórias” na sala de aula:

Faça um círculo no chão usando fita crepe, delimitando o espaço onde o grupo se sentará. Isso ajuda a criar um clima de aconchego para se compartilhar a leitura entre todos. Leve uma mala pequena (que se vende em

lojas de brinquedos) ou um pequeno baú. Será o “Baú de histórias”. Coloque o livro dentro do baú e este no meio da roda. Convide uma criança para abrir o baú, tirar o livro e apresentá-lo para a turma: dizer o título, o nome do autor e do ilustrador. Comente com os alunos a relação entre a ilustração da capa e o título. (MACHADO, 2001, p. 5-6)

Baseando-nos em práticas de leituras que convergem para essa orientação que a autora vem destacando em seu livro, iremos destacar algumas experiências exitosas nas escolas. A primeira é o caso do Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, que desenvolve uma prática de leitura diferenciada, fazendo o acervo circular pelas classes em um carrinho. Essa prática acontece da seguinte maneira:

Não tem hora certa. O carrinho todo colorido pode aparecer no corredor a qualquer momento. E quando ele chega na classe é uma festa! A professora interrompe a aula e os alunos de 1ª a 4ª série escolhem quais livros vão levar para casa. Esse sistema de empréstimo começou a funcionar no Colégio Santo Antônio, em Belo Horizonte, para evitar que os pequenos tivessem que ir até a biblioteca, que fica em outro prédio. A estratégia deu tão certo que as visitas do carrinho a todas as classes não pararam mais. “As crianças ficam eufóricas. “Muitas pegam dois ou três para ler sozinhas ou com os pais”, conta a coordenadora pedagógica Maria de Lourdes Lopes Cansado. Segundo ela, a garotada passou a se interessar mais não só por livros, mas, também por revistas e jornais (NOVA ESCOLA, 2013, s/p)

Outra experiência exitosa aconteceu na Escola Estadual Dom Orione, em Curitiba, ressalta que:

[...] a leitura também é prioridade. Todos os dias, alunos, funcionários e professores param durante 25 minutos para se dedicar a uma única atividade: ler. Nesse período, o silêncio toma o lugar das conversas e do corre-corre. Os professores aproveitam o período para colocar em dia a leitura acumulada com o excesso de trabalho. E os funcionários parte deles com baixo grau de escolaridade se familiarizam com a novidade. “Os resultados já aparecem. Eles estão se tornando mais críticos e se relacionando melhor com as crianças”, comemora Ana Maria Meier, supervisora da manhã. Assim, há seis anos, a escola mostra o valor da leitura e o prazer que um bom texto pode trazer. (NOVA ESCOLA, 2013, s/p)

Diante das sugestões da autora e dessas experiências postas acima, percebemos como existem diversas formas de trabalhar a leitura em sala de aula que estimulem nos alunos o prazer em ler. As escolas muitas vezes não oferecem condições necessárias para o professor trabalhar com a leitura, não disponibilizando o acesso do professor aos livros, fechando as portas dos armários, transformando sala de leitura ou da biblioteca em salas de multiusos.

Sabemos da precariedade existente nas escolas, o governo geralmente não cria

bibliotecas que ofereçam materiais de interesse de professores e alunos. Sobre as condições das bibliotecas das escolas públicas, Silva (1997, p.53) afirma que:

[...] a maioria das escolas públicas brasileiras não possui biblioteca e as que possuem estão em estado calamitoso de funcionamento, seja em nível de organização, seja em nível de atualização de acervos. Esta aberração é complementada por uma distorção completa das funções da bibliotecária dentro da escola, pois geralmente a biblioteca é conduzida e controlada não por uma especialista, mas por uma professora em fase de se aposentar.

Sentimos falta, também, nas bibliotecas de profissionais especializados (bibliotecários). Diante dessa situação percebemos a necessidade do governo em realizar concurso para bibliotecários nas escolas, pois o que mais encontramos são pessoas em desvio de função para cuidar da biblioteca. De acordo com Silva (1997, p.106), “sem o bibliotecário, com os seus conhecimentos organizacionais e de orientação, o espaço dos livros torna-se altamente caótico e tende a perecer rapidamente...”.

São inúmeras as dificuldades encontradas em uma escola para um bom trabalho com a leitura, mas mesmo com poucas condições o professor pode aproveitar tudo que estiver disponível para implementar práticas de leitura, criar materiais de leitura diversos, pedir que os alunos colaborem.

II- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi realizado na E.M.E.I.E.F. São Vicente de Paula da rede pública de ensino, localizada na cidade de Sapé - PB, a partir de um estudo bibliográfico sobre práticas de leituras no Ensino Fundamental, seguida de uma pesquisa de campo, no período de Outubro a Março com a defesa deste trabalho.

Para Malheiros (2010), a pesquisa bibliográfica levanta o conhecimento disponível na área, possibilitando que o pesquisador conheça as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para compreender ou explicar o seu problema objeto de investigação.

No desenvolvimento da pesquisa de campo tivemos como foco um estudo de caso. Segundo Severino (2002), o estudo de caso exige do pesquisador uma reflexão pessoal, autônoma, criativa e rigorosa.

Gil (1999, p. 73), afirma que o estudo de caso:

É caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir conhecimentos amplos e detalhados do mesmo, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

Toda análise foi do tipo qualitativa, portanto, preocupou-se em analisar detalhes de uma prática específica, tentando explicá-la, com base no referencial bibliográfico buscando a qualidade dos dados coletados. Alguns estudiosos colaboraram de maneira muito significativa com suas abordagens, autores como Paulo Freire, Angela Kleiman, Raquel Villard, Ana Maria Machado entre outros que enfatizaram o conceito, as concepções e a importância da leitura na vida de um indivíduo.

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc. (MARCONI e LAKATOS 2004, p. 269)

Neste sentido, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar se as práticas de leitura desenvolvidas no 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Vicente de Paula contribuem para a formação de leitores. A escolha por esta instituição deu-se pelo fato de as graduandas já

terem realizado alguns estágios acadêmicos nesse espaço e, a partir de observações, tornou-se visível que há grande procura dos pais para matricularem seus filhos, mesmo a escola não oferecendo uma estrutura física adequada. O segundo aspecto que conduziu a tal escolha é que, informalmente, alguns pais declararam que a maioria dos alunos consegue ler e escrever, no ano escolar considerado adequado.

Como já foi dito, nosso principal foco de estudo se concentrou na turma do 3º ano fundamental, para analisar as atividades cotidianas envolvendo a leitura e como ocorre o processo de inclusão de um aluno portador de deficiência intelectual nas atividades de leitura.

Como instrumento utilizamos a observação e diário de anotações realizadas durante as visitas à escola, além de questionários aplicados junto aos professores da instituição escolar. Para completar, realizamos também entrevistas com quinze alunos, a fim de comparar as informações prestadas pelos professores com as dos estudantes, considerando seus sentimentos e suas experiências o que nos permitiu entender melhor o nosso objeto de estudo. Deste modo o método aplicado atendeu os objetivos estabelecidos em nossa pesquisa.

2.1 CONHECENDO O LOCAL E OS SUJEITOS DA PESQUISA

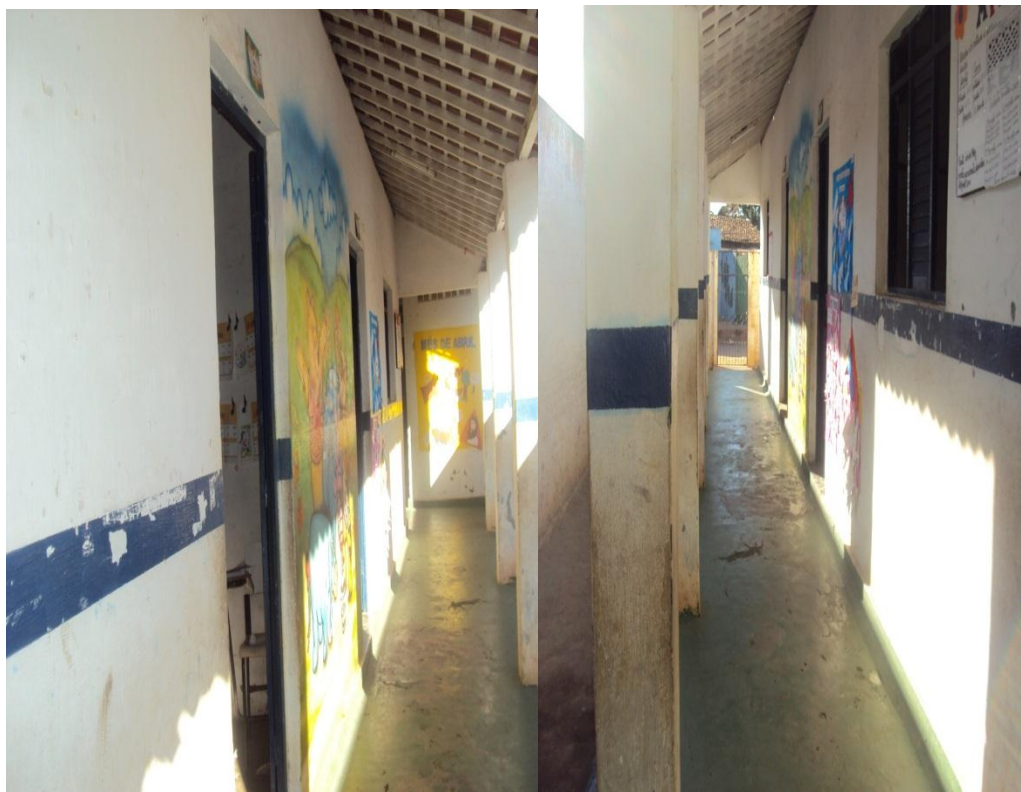


(FOTO 1- frente da E.M.E.I.E.F. São Vivente de Paula)

A escola onde se desenvolveu a pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental São Vicente de Paula, localizada na Rua Antônio Justino, 136, Bairro Nova Brasília, Zona Urbana do Município de Sapé/ Pb. A instituição faz parte da rede Municipal de Ensino de Sapé, atendendo a comunidade escolar nos turnos da manhã, tarde e noite, oferecendo as modalidades de ensino infantil, fundamental e EJA.

O prédio está em funcionamento desde 1960, foi doado à prefeitura por uma família de alto poder executivo da época para atender a demanda dos moradores que residem na localidade. As razões de sua criação estão relacionadas às necessidades da comunidade, na viabilidade de uma entidade mais próxima de sua residência, estando localizada nas extremidades da feira livre municipal e de um pequeno centro comercial, oferecendo aos pais a facilidade de acesso pelas proximidades com seus estabelecimentos de emprego.

A amostra do estudo foi intencional, tendo em vista que a escola possui uma estrutura física precária, sendo um prédio antigo necessitando de várias reformas em diversos segmentos, o que, aparentemente, é uma barreira para efetivação de um bom trabalho pedagógico, mas que vem sendo superado através de alternativas que os professores vêm construindo para que de fato aconteça a evolução na aprendizagem dos seus alunos.



(FOTO 2 Entrada da Escola)

Ao retornarmos aos levantamentos de dados depois das férias escolares, foram ocorridas algumas modificações em sua estrutura física, a escola passou pelo processo de pintura, melhorando os aspectos visuais da instituição, porém não sendo suficiente para o suprimento das defasagens e necessidades tais como falta de espaço para atividades recreativas, uma biblioteca, um refeitório, entre outras conveniências que devem ser encontradas no ambiente escolar.

É uma escola de pequeno porte constituída apenas por três salas de aula, uma diretoria, uma cantina com um pequeno compartimento que funciona como dispensa para guardar os alimentos que são gradativamente preparados para merenda escolar. Dispõe também de dois banheiros para os alunos, sendo um masculino e um feminino. Em sua lateral direita encontra-se uma pequena e estreita galeria, entre a diretoria e a terceira e ultima sala de aula. A área de recreação é um pequeno compartimento que fica entre a diretoria e a entrada da escola que dá acesso às salas de aula, tendo sua metade coberta e cimentada.

Os mobiliários possuem um estado regular para utilização sendo adquiridos com os recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), e os demais adquiridos

pela Secretaria de Educação. Contando com recurso de uma televisão, um dvd e um micro system, que os professores revezam sua utilização.

É importante fazer uma ressalva que a escola não possui adaptações para os portadores de deficiência física e cognitiva, mas atende a um aluno portador de deficiência intelectual mesmo não tendo sala de recurso e profissional especializado para melhor atendê-lo. O quadro funcional da escola é composto por 19 funcionários, sendo nove professores todos com ensino superior completo, três auxiliares de serviços gerais, dois porteiros, duas diretoras, dois professores readaptados e uma secretária escolar.

O corpo discente é composto por 228 alunos divididos entre os turnos da manhã, tarde e noite com o funcionamento da EJA. Sendo Matutino: Ed. Infantil e Ens. Fundamental 85 alunos vespertino: Ed. Infantil e Ens. Fundamental 80 alunos, Noturno: EJA 55 alunos. Tendo uma faixa etária de 06 há 14 anos no Ensino Fundamental.

O cargo de gestão é ocupado, conforme o Plano de Carreira e Remuneração do Magistério Municipal, Lei nº838/2002 art.25, que prevê eleição direta para diretor, possibilitando a gestão democrática nas unidades escolares municipais.

A administração da escola é formada por uma gestora e uma vice, escolhidas pela comunidade escolar e funcionários através da eleição direta, o que torna uma gestão democrática e participativa na qual docentes, discentes, pais, alunos e funcionários têm espaço para opinar em relação às atividades pedagógicas, eventos culturais, relações humanas, entre outros.

Durante o período de estágio tivemos o acesso pleno aos documentos da escola, a diretora contribuiu significativamente fornecendo todos os dados necessários para as pesquisas e disponibilizando o Projeto Político Pedagógico (PPP) sem restrições.

De acordo com a gestora, a construção do PPP se deu através de uma semana pedagógica na qual os professores e os demais funcionários juntamente com uma supervisora escolar enviada pela Secretaria de Educação Municipal e os representantes do conselho escolar, reuniram-se para a análise geral deste documento, refletindo sobre as práticas que estavam sendo eficazes e as que deveriam ser renovadas, com base na realidade dos alunos.

Tendo como proposta principal oferecer uma educação de qualidade para as crianças, adolescentes, jovens e adultos, que compõem a instituição, comprometendo-se

com a formação de cidadãos críticos e participantes do processo de transformação social.

De acordo com o PPP, também foi analisada a postura e o papel das diretoras ao gerir a equipe em sua condução, o que caracteriza uma gestão democrática, prática, na qual a gestora possui uma postura educacional.

Abaixo podemos analisar algumas ações que estão propostas no PPP para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos e a formação dos professores:

- Realização de planejamentos quinzenais para discutir assuntos referentes à prática educativa;
- Realização de encontros pedagógicos com a formação de grupos de estudo entre os docentes;
- Promoção de eventos culturais envolvendo toda a comunidade escolar;
- Estímulo ao hábito da leitura através de atividades diárias realizadas em sala de aula;
- Promoção da interação entre escola e comunidade através de reuniões bimestrais (Os pais comparecem a escola para assinar os boletins dos seus filhos) e eventos culturais interligados às datas comemorativas.
- Utilização de ficha de acompanhamento e desempenho do aluno;
- Realização de avaliação diagnóstica bimestral;

A escola possui um bom entrosamento com a comunidade escolar, o que vem contribuindo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e provocando mudanças significativas para o crescimento da escola e o reconhecimento do seu trabalho perante a comunidade.

III- ANÁLISES DE DADOS

Após termos tratado de questões envolvendo a leitura e os múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola no que diz respeito à formação de leitores críticos e reflexivos, e da presença imprescindível da leitura em nossas vidas, buscaremos neste capítulo mostrar como está sendo desenvolvido o exercício da leitura na sala de aula do 3º ano da E.M.E.I.E.F. São Vicente de Paula.

Na instituição vem sendo feito um trabalho de formação de leitores que tem obtido êxito, visto que há um reconhecimento da melhoria do desempenho escolar dos seus alunos e um aumento significativo de matrículas, já que a procura por vagas, especialmente nas turmas do 1 ao 5º ano, tem se intensificado. Sendo nessa fase da escolarização que deve ser estimulado o hábito e o gosto pela leitura visando contribuir na formação de pessoas preparadas para uma sociedade onde a leitura e a escrita constituem as principais formas de aquisição de conhecimento.

A coleta de dados aconteceu durante as visitas à escola; como éramos três, decidimos revezar esses momentos durante a semana e assim pudemos acumular dados para nossa pesquisa, que foi bem sucedida, pois conseguimos reunir todas as informações pertinentes ao nosso objeto de estudo.

Com a aplicação de questionários com quatro professores do 2º ao 5º ano, seguindo um roteiro pré- estabelecido com até 10 questões abertas, nas quais os entrevistados tiveram a possibilidade de expor suas opiniões sobre a temática em foco. Assim, à medida que os entrevistados respondiam as questões, conversávamos, com a intenção de captar informações mais subjetivas a respeito do assunto.

Os resultados são apresentados em forma de relatos através das observações e diário de anotações, relacionadas com o referencial teórico proposto por esse estudo. Também em momentos oportunos foram utilizadas citações dos entrevistados, mantendo preservadas as suas identidades.

3.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A professora da turma observada tem formação em Geografia e 20 anos de experiência profissional. São 29 alunos com idade entre 8 e 11 anos, sendo que destes

vinte e nove alunos, um apresenta laudo como déficit cognitivo também conhecido como deficiência intelectual. Segundo um artigo publicada em abril de 2009 pela revista Nova Escola na edição 223, “Formas criativas para estimular a mente de alunos com deficiência” o termo substituiu "deficiência mental" em 2004, por recomendação da Organização das Nações Unidas (ONU), para evitar confusões com "doença mental", que é um estado patológico de pessoas que têm o intelecto igual da média, mas que, por algum problema, acabam temporariamente sem usá-lo em sua capacidade plena.

Esse tipo de deficiência provoca lentidão na aprendizagem e desenvolvimento das pessoas que têm esse problema, o que nos instigou a conhecer melhor essa deficiência que abrange a Educação Especial, nossa área de aprofundamento no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A educação do indivíduo com necessidades educacionais especiais foi surgindo aos poucos no espaço educacional. E até os dias atuais muito se discute a questão da inclusão dos alunos portadores de deficiência, porém sabemos que é direito da criança fazer parte do ensino regular.

A Constituição Federal de 1988 e as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9.394/96 estabelecem que a educação é direito de todos e que as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter atendimento educacional “preferencialmente na rede regular de ensino”, garantindo atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência (BRASIL, 2006, p.307-308.)

De acordo com a lei citada acima todas as crianças são iguais perante a sociedade, por isso têm os mesmos direitos. Mas precisamos fazer uma reflexão diante das condições que as escolas oferecem tanto para um acesso à escola com qualidade como professores qualificados para atuarem junto a essas crianças. Será que basta apenas incluir as crianças deficientes em um ensino regular, sem nenhum recurso que favoreça seu desempenho escolar? Será que basta apenas ter o professor da turma, sem nenhum conhecimento sobre a deficiência daquele aluno?

São questões como essas que precisam ser pensadas antes de apenas incluir o aluno em uma sala de aula sem interagir, crescer, e se desenvolver, por falta de apoio pedagógico. A escola deve aperfeiçoar sua ação pedagógica, sem considerar a educação especial uma parte separada da educação. Seria muito bom que tudo o que estivesse na lei fosse aplicada na prática. Muitas escolas fingem incluir o aluno, o governo faz as pessoas acreditarem que existem muitos programas que favorecem esses alunos, e

muitos professores fingem saber ensinar esses alunos, quando muitas vezes os deixam no canto da sala como se não existissem.

Claro que não podemos generalizar, pois sabemos que existem apoios. O MEC, por meio da Secretaria de Educação Especial, apoia as redes estaduais e municipais em projetos de capacitação de professores, desenvolvidos em parceria com as secretarias de Educação. Existem escolas que têm uma prática diferenciada, incluindo esses alunos à realidade da sala de aula. Sabemos também que existem professores comprometidos, muitas vezes não tem experiência com alunos deficientes, mas quando entra um aluno deficiente na sua sala de aula, busca se aperfeiçoar a partir de pesquisas. Conseguem desenvolver um ótimo trabalho junto com seu aluno proporcionando o progresso do mesmo.

Como já foi dito, na turma que escolhemos para estudo há um aluno portador de deficiência intelectual, transtorno de comportamento e hiperatividade, com 11 anos de idade. Analisamos o desenvolvimento desse aluno em sua vivência com a turma e seu progresso em relação à leitura.

A nova classificação da Deficiência intelectual baseada no conceito publicado em 1992, pela Associação Americana de Deficiência Mental considera a deficiência intelectual não mais como um traço absoluto da pessoa que a tem e sim como um atributo que interage com seu meio ambiente físico e humano, que por sua vez devem adaptar-se às necessidades especiais dessa pessoa, provendo-lhe o apoio intermitente, limitado extensivo ou permanente de que ela necessita para funcionar em dez áreas de habilidades adaptativas; comunicação, autocuidado, habilidades sociais, vida familiar, uso comunitário, autonomia, saúde e segurança funcionalidade acadêmica, lazer e trabalho. (SASSAKI, 2003, p.160-165).

Na escola encontramos além dos portadores de deficiência, aqueles alunos que apresentam algum tipo de dificuldade na aprendizagem. Através dos questionários realizados para coletar dados da prática de leitura nas salas de aulas percebemos que os alunos que ainda não sabem ler, geralmente, é por conta da falta de atenção, concentração e não participam das atividades propostas em sala de aula.

Fazendo nossa análise, achamos interessante fazer um questionário e entrevistar algumas professoras em relação à prática de leitura em cada sala de aula para confrontar com a sala de aula que utilizamos como estudo de caso. Fizemos também algumas

questões relacionadas ao aluno portador de deficiência

Sendo assim para compreendermos a postura da professora do 3ºano em sala de aula a denominaremos de “professor A” a fim de destacá-la das demais professoras entrevistadas.

Uma das perguntas feita no questionário foi à seguinte: Como você descreve o perfil de um aluno com dificuldades de aprendizagem na leitura?

Professora A: É o aluno que apresenta as seguintes características: falta de atenção, de concentração e não participa das atividades propostas.

Professora B: Aquele aluno que não desenvolve suas capacidades e não participa da aula.

Professora C: Devido às dificuldades de aprendizagem na leitura resolvemos encorajar e transformar os alunos na visão lúdica com seus pensamentos trazendo a realidade de vida.

Professora D: O referido aluno apresenta dificuldade em compreender, assimilar, aprender e socializar o conhecimento.

Diante das respostas das professoras, percebemos que é comum encontrar alunos com dificuldades na aprendizagem. É necessário que o professor perceba qual a dificuldade dos seus alunos para trabalhar de forma diferenciada através dos jogos, brincadeiras, socialização etc.

O aluno observado possui dificuldades na aprendizagem referentes à sua deficiência apresentando falta de concentração, problemas de comunicação, interação e uma menor capacidade de raciocínio lógico.

A professora trabalha com o mesmo da seguinte forma: utiliza muito atividades como jogos e brincadeira, roda de conversas, em todas as atividades o aluno está inserido, com limitações. É um aluno bastante agressivo e isso dificulta as realizações das atividades e permanência do mesmo na sala de aula.

A professora respeita suas necessidades, mas sempre procura fazer com que ele interaja com os demais alunos. O mesmo ainda não consegue ler, mas conhece as vogais e algumas letras do alfabeto.

Ao perguntarmos a professora a respeito das barreiras encontradas no dia a dia escolar que dificultam o domínio da leitura nos alunos, foi respondido que “As barreiras são relativas a cada aluno, como também o elevado número de alunos em sala de aula, alunos com dificuldades de aprendizagem consequentes da alfabetização e o desinteresse por parte de alguns”.

Compreendemos o desafio enfrentado não só por essa professora, mas por grande maioria dos educadores brasileiros que devem agir de forma dinâmica e diversificada para conseguir que seus alunos desenvolvam as habilidades de leitura e escrita, tendo em vista que ainda é muito forte a presença de alunos estacionados nestas habilidades.

Mesmo pressupondo um método de alfabetização e de letramento como processos que caminham juntos, visto que não basta o indivíduo ser simplesmente alfabetizado ou aprender a decodificar, é necessário que o mesmo seja letrado para ser capaz de compreender e exercer práticas sociais de leitura e escrita.

Para compreender melhor essa afirmação da professora foi feita a seguinte pergunta: Como você descreve o perfil de um aluno com dificuldades de aprendizagem na leitura? Para a educadora “são aqueles alunos que apresentam dificuldades em compreender, assimilar, aprender e socializar o conhecimento”.

O que comprova a necessidade de alfabetizar letrando para que os nossos alunos sejam capazes de dar significado ao que ler, interpretando e relacionando o conhecimento adquirido através da leitura a sua realidade social.

A professora utiliza com o aluno deficiente o alfabeto móvel, jogos para formar letras através das figuras, fichas com textos e gravuras, o mesmo já responde a algumas atividades com o alfabeto móvel o que possibilita desenvolver neste aluno a habilidade de prestar atenção.

Outra pergunta do questionário foi à seguinte: Como você trabalha a leitura com os alunos com deficiência?

Professora A: Através de desenhos, histórias em quadrinhos, livros infantis.

Professora B: Trabalho a leitura oral e não verbal leitura deleite, sempre na roda de conversa para que ao descrever um texto através de imagens e ao ouvir um conto infantil comecem a formar conceito e ter ideia de leitura, bem como

expressar seus pensamentos.

Professora C: Trabalho de forma mais lenta através de imagens e movimentos musicais.

Diante das respostas percebemos que existe uma prática de leitura com os alunos deficientes, cada professora tem um modo próprio de agir, mas não são incompatíveis. E mesmo não sendo especialistas nessa área, elas valorizam a leitura feita através de imagens para facilitar o desenvolvimento e o progresso desse aluno portador de deficiência intelectual.

Os alunos com deficiência intelectual sentem dificuldade no processo de alfabetização, precisam de apoio através de propostas pedagógicas que favoreçam seu desenvolvimento. É preciso trabalhar em cima do que o aluno conhece, suas habilidades, mas para isso é necessário conhecer o aluno e realizar atividades inovadoras, adequadas para a realidade de cada aluno.

Além destes problemas também surgiram questionamentos a respeito da falta de comprometimento dos familiares especialmente dos alunos que apresentam maiores dificuldades nesse processo, deixando a responsabilidade da aprendizagem de seus filhos apenas nas mãos do professor e na escola.

O que é um problema tendo em vista que é na parceria entre família e escola que são desenvolvidas a socialização, a afetividade e a aprendizagem dos alunos. Esses ambientes são fundamentais para a formação dos indivíduos sendo responsáveis pela mediação e o convívio dos mesmos na sociedade.

A escola juntamente com a família vem encontrando meios para sanar estas dificuldades através do foco no desenvolvimento da leitura e na formação de leitores buscando o apoio e a colaboração dos pais e de toda comunidade escolar.

A partir das visitas começamos a perceber que na escola existia uma prática pedagógica baseada na pedagogia de projetos, que visa propiciar aos alunos uma aprendizagem integrada que articule os diversos conteúdos curriculares nas diferentes atividades desenvolvidas no espaço escolar.

3.2 O TRABALHO COM PROJETOS

Dando continuidade à discussão iniciada no item anterior, trataremos mais um pouco sobre a Pedagogia de Projetos. A pedagogia de projetos não é uma prática recente, surgiu a partir do movimento da Escola Nova tendo como percussor o filósofo americano John Dewey.

Dewey (1979) insistia na necessidade de estreitar a relação entre teoria e prática, pois acreditava que as hipóteses teóricas só têm sentido se inseridas no contexto diário do aluno. Para o filósofo o processo de aprendizagem deve partir de situações vinculadas do mundo exterior à escola. Para Di Giorgi (1992), o principal objetivo desse sistema é proporcionar aos alunos um ensino ativo, que incorpore todas as informações coletadas em um propósito prático. Prado (2005, p.4) acrescenta: “Na pedagogia de projetos, o aluno aprende no processo de produzir, levantar dúvidas, pesquisar e criar relações que incentivam novas buscas, descobertas, compreensões e reconstruções de conhecimento”. Dessa forma, o trabalho do professor deixa de se basear apenas na transmissão de conteúdos para criar situações de aprendizagem onde a sua função é a de mediador e responsável por criar estratégias que levem o seu aluno ao aprendizado nas relações estabelecidas por situações problematizadas que possam ser significativas.

Outro aspecto importante na atuação do professor é o de propiciar o estabelecimento de relações interpessoais entre os alunos e respectivas dinâmicas sociais, valores e crenças próprios do contexto em que vivem. Portanto, existem três aspectos fundamentais que o professor precisa considerar para trabalhar com projetos: as possibilidades de desenvolvimento de seus alunos, as dinâmicas sociais do contexto em que atua e as possibilidades de sua mediação pedagógica. (PRADO, 2005, p.4).

O trabalho com projetos não é uma tarefa simples, pois exige que o professor conheça o seu aluno nos aspectos cognitivos, afetivos, cultural e até mesmo o contexto econômico e social no qual o mesmo está inserido, para construir as possibilidades da mediação pedagógica. Esse trabalho possibilita ao aluno um modo de aprender através da interdisciplinaridade e a utilização de vários recursos como os livros, a televisão, computadores entre outros recursos disponíveis no contexto escolar.

Dessa forma os professores da instituição pesquisada trabalham na perspectiva de desenvolver situações de aprendizagem, articulando as disciplinas escolares a situações da realidade dos alunos, proporcionando aos mesmos uma aprendizagem significativa e menos sistematizada.

Tivemos acesso aos projetos desenvolvidos na instituição, a maioria tendo como questões de problematização o desenvolvimento da leitura e escrita e a parceria entre família e comunidade na escola. Sendo associados a datas comemorativas com a intenção de construir nos educando concepções de valores e cultura e sua contribuição para a formação social dos mesmos.

Projetos enfatizando o Carnaval, a Páscoa, o Folclore, Dia do Estudante, Dia das Mães, Dia dos Pais, Semana da Criança, O circo, Música e arte, Reciclagem, Meio Ambiente entre outros temas que, articulados às disciplinas escolares, proporcionam momentos de conhecimento, a criação de uma identidade nos alunos, o desenvolvimento da imaginação, a capacidade de socialização com o outro e de se expressar, além de momentos de exercitar a leitura e a escrita e de possibilitar aos alunos conhecimentos referentes à convivência entre estudantes, escola e sociedade, sendo propostas atividades com os seguintes objetivos em comum:

- Desenvolver a socialização com o lúdico em sala de aula;
- Valorizar o estudante como cidadão;
- Desenvolver a criatividade na escrita e na leitura;
- Despertar o senso crítico da criança;
- Estimular a construção de trabalhos de pesquisa;
- Leitura de diversos tipos de textos;
- Incentivar a leitura informativa;
- Realizar exposições com os materiais construídos nas oficinas de cada projeto;
- Reconhecer o valor da família na construção da identidade pessoal do indivíduo;
- Promover o entretenimento através do esporte e da arte;
- Proporcionar momentos de leitura compartilhada;
- Observação e manuseio de livros;
- Criar nos educandos o hábito de ouvir e sentir prazer nas situações que envolvam leitura;
- Sensibilizar os alunos para a prática de atividades históricas como forma de ampliar o conhecimento;

- Promover a socialização entre comunidade e escola;

Dessa forma, no decorrer do ano letivo são realizadas atividades com metodologias diversificadas atendendo as diferentes áreas de conhecimento e partindo da necessidade de cada aluno e do professor no desenvolvimento do seu trabalho.

Com as entrevistas, selecionamos as principais atividades metodológicas desenvolvidas pelas professoras da Escola São Vicente de Paula em sala de aula. Dentre elas estão:

- Produção textual: livrinhos, mensagens e frases;
- Exibição de vídeos educativos;
- Exposição de cartazes;
- Atividades com músicas;
- Confeção de fantoches;
- Desenhos e pinturas;
- Teatro de fantoches;
- Redação;
- Jogos educativos (quebra-cabeça, damas, xadrez e jogo da memória);
- Leitura individual e coletiva;
- Pesquisa;
- Leitura de livros de literatura com apresentação para os colegas;
- Leitura diária de diversos gêneros textuais;
- Reconto;
- Cantinho da leitura;
- Música e leitura;

Os professores relatam que a metodologia utilizada pela escola adapta-se de acordo com as necessidades dos alunos, mesmo com um caminho pré-definido, a metodologia deve ser capaz de incorporar e se adaptar à realidade dos alunos tentando compreender as principais causas das dificuldades dos mesmos e a melhor maneira de solução para os problemas encontrados levando em consideração os aspectos socioeconômico desses sujeitos.

A partir da análise das atividades podemos perceber que a escola se preocupa com a evolução dos alunos no processo de construção do conhecimento e no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Dessa forma os alunos são avaliados em um processo contínuo em sala de aula e por sua participação nas atividades propostas durante todo o ano letivo, Sendo observada a apropriação do conhecimento que o aluno adquiriu durante a sua participação ativa nos trabalhos.

Além desses projetos interdisciplinares constituídos pela escola, os professores também utilizam como apoio a suas práticas o Projeto TRILHAS DE LEITURA criado em 2009, pelo Instituto Natura em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Comunidade Educativa (Cedac), que tem como objetivo inserir as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental em um universo letrado. Que acontece através da distribuição de um conjunto de materiais elaborados distribuído nas escolas públicas para apoiar os professores no trabalho com o campo da leitura, escrita e oralidade.

O projeto TRILHAS está alinhado com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação. Meta que visa toda criança plenamente alfabetizada até os 8 anos. O Conjunto de material do TRILHAS pode contribuir para o alcance da meta de 6,0 pontos estabelecida para o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) para 2022.

Esse material é composto por um acervo de 20 títulos literários, caderno de orientação com atividades para serem desenvolvidas em sala de aula, caderno de estudos para auxiliar no aprofundamento dos conteúdos tratados nos diferentes cadernos de orientações, além do caderno Trilhas de jogos contendo o repertório de jogos a serem desenvolvidos pelo professor em sala com as crianças. De acordo com as informações contidas no site <http://www.institutonatura.org.br/projetos/trilhas>, no Estado da Paraíba foram escolhidos 10 municípios 139 escolas sendo contemplados 2.737 alunos com os materiais fornecidos pelo projeto.

Dessa forma apesar do projeto ser voltado principalmente para o 1º ano, a professora do 3º ano nos relatou que utiliza os jogos do projeto TRILHAS para proporcionar aos seus alunos momentos dinâmico de leitura com a utilização dos livros e dos jogos fornecidos pelo projeto para o desenvolvimento da capacidade intelectual dos mesmos. Especialmente por estar focado em propostas voltadas para a leitura e escrita.

Outro projeto que vem contribuindo significativamente como apoio aos educadores desta instituição é o Pnaic, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, compromisso assumido pelo governo federal, estados e municípios para assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

O Pacto tem como princípios centrais: o domínio do sistema de escrita alfabética, e o desenvolvimento das capacidades de leitura e de produção de textos, a ludicidade e as práticas que possam estimular as crianças a ouvir, falar e escrever sobre temas diversos.

O Pacto proporciona aos educadores formação continuada com um curso presencial de 2 anos para os professores de 1º ao 3º ano com carga horária de 120 horas por ano, com bolsa de estudos para os participantes. Baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas conduzidas por orientadores de estudo.

Propondo ações que contribuam para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização; para os processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; para o planejamento e avaliação das situações didáticas; para o conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação, voltados para a melhoria da qualidade do ensino no ciclo de alfabetização. Também fornece materiais didáticos e pedagógicos específicos à alfabetização, tais como:

- Livros didáticos (entregues pelo PNLD) e respectivos manuais do professor;
- Obras pedagógicas complementares aos livros didáticos e acervos de dicionários de Língua Portuguesa (também distribuídos pelo PNLD);
- Jogos pedagógicos de apoio à alfabetização; obras de referência, de literatura e de pesquisa (entregues pelo PNBE);
- Obras de apoio pedagógico aos professores;
- Jogos e softwares de apoio à alfabetização.

Para a Professora A, o Pacto tem contribuído significativamente, pois está possibilitando “um suporte a minha pratica profissional com um aperfeiçoamento

constante que tem contribuído na aprendizagem dos meus alunos e na descoberta do conhecimento autônomo e crítico”.

Para a Professora C, “O Pacto tem possibilitado o prazer de dar aula com mais alegria e realização profissional por apresentar meios de interação com os alunos, pois utiliza o lúdico sem ser julgado como mera brincadeira por proporcionar aos alunos aulas diversificada atingindo o objetivo de proporcionar-lhe a aprendizagem atrativa e o gosto pela leitura”.

Com essas palavras concluímos que os educadores do São Vicente trabalham com amor e dedicação, aproveitando os recursos existentes na escola e criando meios e formas a partir dos momentos de leitura inserir nos educando o gosto e o prazer pela leitura e escrita. Sendo assim continuemos a análise a respeito dos fatores que contribuem para que os educandos adquiram o gosto pela leitura na instituição em foco.

3.3 CANTINHOS DA LEITURA

Criar possibilidades para que o desejo e interesse pela leitura despertem nos alunos é o maior investimento dos professores e a escola tem procurado introduzir essa prática no cotidiano escolar, mostrando claramente sua importância em função da aprendizagem.

Nas primeiras séries do Ensino Fundamental, é necessário construir um ambiente acolhedor prazeroso para que a criança possa desenvolver suas habilidades. Na sala de aula, o professor é responsável por desenvolver estratégias para despertar no aluno o interesse pelos estudos, tendo em vista que muitos hábitos nas crianças se constituem por imitação dos adultos, assim é necessário um comprometimento de todos que estão inseridos no processo de formação educacional mostrarem aos alunos o gosto e interesse pela leitura, fazendo que eles se sintam curiosos para também vivenciarem deste mundo.

Levando em consideração que muitas crianças estão em um contexto social no qual a leitura não está presente, é necessário ajudá-las a encontrar motivos para quererem aprender a ler. A criação de ambiente pedagógico rico, transformando o espaço da sala de aula num espaço propício à leitura pode criar o hábito de leitura e transformá-lo em um ato de prazer.

A construção do cantinho da leitura na sala de aula deve representar um lugar acolhedor, considerando a opinião e o gosto literário dos alunos, atraindo para o principal objeto de estudo o livro estando ao alcance diferentes gêneros, com um acervo diversificado, dinâmico e construído coletivamente.

A leitura deve proporcionar um estímulo desafiante, no qual o aluno vai avançando de acordo com o nível de ensino, buscando através da leitura, desvendando enigmas, dando ênfase e significação à representação escrita. Durante este período formal da leitura começa a se estabelecer vínculos entre o leitor e a obra, não sendo uma situação em que se aprende a ler para cumprir habilidades de um currículo.

O cantinho de leitura na sala de aula permite o acesso fácil e imediato aos livros, quebrando até mesmo alguns bloqueios que os professores ocasionam nos educandos de fazer da leitura algo chato, como atividade imposta para cobrar de volta resultados avaliativos. Deve ser um espaço designado para a prática da leitura, onde os alunos têm o livre arbítrio de escolher gênero textual, obras de sua preferência, cuja leitura pode ser desenvolvida de diversas formas, silenciosamente, compartilhada, em voz alta, individual, em grupos e tantas outras possibilidades. Na sala observada, o cantinho da leitura é de fácil acesso, conforme mostra a imagem abaixo:



Vejamos o que fala uma das maiores escritoras do Brasil de obras infanto-juvenis sobre a importância da escola na formação das futuras gerações de leitores. Em

uma entrevista dada à Revista Nova Escola em 2006, Ana Maria Machado, ao ser questionada de como despertar o gosto pela leitura, responde:

Ler é gostoso demais. Por isso, é natural que as pessoas gostem. Basta dar uma chance para que isso aconteça. Ninguém é obrigado a gostar de cara. Tem de ler dois, três títulos, até encontrar um que nos desperte. No caso da criança, dois fatores contribuem para esse interesse: curiosidade e exemplo. Assim, é fundamental o adulto mostrar interesse. (NOVA ESCOLA, 2001,p.5)

A leitura deve brotar através do incentivo, da observação, ocorrendo de forma espontânea, a sala de aula deve proporcionar um conforto e relaxamento ajudando a acender o interesse, pois só se adquire gosto pelo que foi apresentado fazendo assim este interesse ser compartilhado.

Para compreender melhor o nosso objeto de estudo, a primeira questão da entrevista buscou esclarecer como os educadores desta instituição escolar conceituam o ato de ler.

“Ler é compreender um texto, dar sentido ao que está escrito, interpretar o que o texto diz descobrir-lhe o significado”.

Diante da pergunta: Em sua opinião, que fatores contribuem para que os educandos adquiram o gosto pela leitura? Obtivemos as seguintes respostas. Para a Professora B, “Implantando nas minhas aulas momentos de leitura com prazer”.

Vemos que a professora respondeu de forma bem sucinta a resposta sem explicar como se dão os momentos de leitura, se é cotidianamente e quais os estímulos desenvolve para aguçar o ato de ler.

A professora A tem formação em Geografia, já leciona há 20 anos, e foi na sua turma onde fizemos uma análise de como se desenvolve a formação de leitores. Sua resposta para a mesma pergunta mencionada acima foi: “Ter um ambiente no qual o livro esteja presente, apresentando uma diversidade de gêneros textuais, ensinar a ler com prazer e não associar o ato de ler a uma obrigação”.

Diante da resposta da professora vemos que a mesma se preocupa em incentivar a leitura pelo simples fato de ser gosto sem impor obrigações avaliativas, sendo necessário apresentar as diversas facetas que a leitura possibilita até ser descoberto a sua identificação de gosto.

Perguntando se existe alguma atividade voltada apenas para a leitura, aplicada na sala de aula, obtivemos da Professora B seguinte resposta: Sim, leitura de contos e literatura infantil, feita cotidianamente, de preferência a leitura que expressa um pouco da realidade do aluno enquanto criança e também do sonho de cada um.

Observamos que a leitura está presente nas atividades corriqueiras da sala de aula, onde a professora busca despertar o interesse da leitura através de contos que puxem a imaginação da criança, para que assim possam fazer parte da história, construindo princípios que podem ser usados para sua formação humana.

Da professora A, obtivemos a seguinte resposta, para a mesma questão em foco. “Sim, leitura de deleite, cantinho da leitura, uso dos jogos educativos”.

As atividades mencionadas pela professora contemplam o cronograma proposto pelo PNAIC, segundo o qual na rotina de sala de aula deve ser estabelecido um momento todos os dias para exercício da leitura, o cantinho da leitura é um espaço da sala de aula onde os alunos ficam livres para pegar o exemplar que quiser e fazer a leitura, a escola também disponibiliza de recursos pedagógicos lúdicos que subsidiam o processo de formação da leitura.

Diante do que foi questionado, e através do resultado das respostas, analisamos que a escola caminha para incentivar o hábito de ler, buscando por meio de espaços pedagógicos deixar que os alunos incluam em seu contexto esta prática. Dessa forma todos os dias a professora faz atividades relacionadas à leitura. Começamos a entender o porquê da grande procura da comunidade em matricular seus filhos nesta instituição.

A professora A nos relatou que a cada semestre faz um levantamento da turma para saber como os alunos estão em relação à leitura e escrita. Esse procedimento acontece da seguinte forma: Ela separa um momento na semana para fazer a leitura, cada dia pega certa quantidade de alunos, utiliza um caderno específico com o nome de todos e faz anotações de acordo com a realidade de cada um. Ressalta que fica mais fácil perceber a necessidade de cada aluno e seus progressos em relação à leitura e à escrita. Diante da realidade de cada aluno, faz trabalhos diferenciados. Os alunos que têm dificuldades em ler e escrever, a professora procura trabalhar com diversas atividades, e materiais, como: material dourado, alfabeto móvel, jogos com sílabas e números etc.

Ressaltou-nos que sempre busca o melhor para seus alunos, e realmente foi o

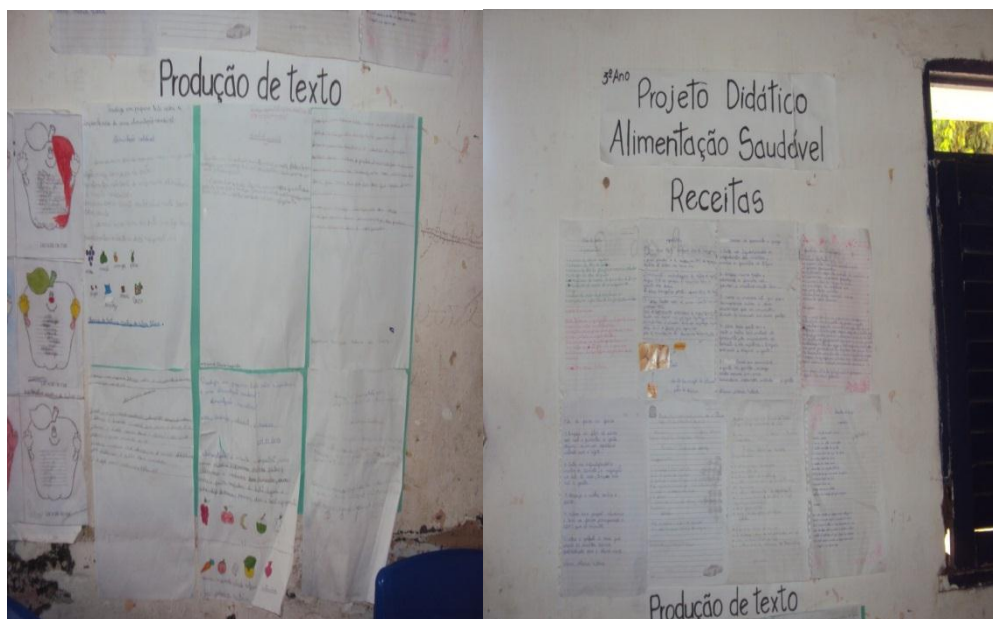
que percebemos durante as observações. Tivemos acesso aos materiais, inclusive as anotações referentes ao desenvolvimento dos alunos na leitura.

A prática de leitura é constante em sala de aula e, muitas vezes, resulta em produções textuais. Em uma das aulas observadas foi trabalhado o poema "Paraíso" de José Paulo Paes; no primeiro momento foi feita uma leitura apresentando as características do gênero poema, depois a sala foi dividida em quatro grupos para discutirem cada um dos itens: Se a rua fosse sua, Se a mata fosse sua, Se o rio fosse seu e por fim fazer uma produção textual sobre reciclagem. A professora relatou que gosta de relacionar as disciplinas, como fazer produção textual com assunto de ciências, geografia, etc. Gosta também de relacionar as atividades escolares com a família.

Em outro momento foi trabalhado leitura e interpretação de texto: "O equilíbrio da natureza", com debate sobre elementos culturais e naturais; confecção de um painel com o tema: "Reciclagem - A construção de uma nova história".

Além dessas atividades, muitas outras foram observadas por nós, e percebemos que a professora toma bastante cuidado na realização das mesmas, sempre se preocupando em fazer com que os alunos aprendam e que essas atividades contribuam para formação dos mesmos.

Durante o período de observação também presenciamos trabalhos com o tema alimentação saudável quando foram desenvolvidas atividades com leituras de panfletos fornecidos pela secretaria de saúde do município, produções textuais e confecção de cartazes, além de um piquenique quando cada aluno levou uma fruta para escola e juntos fizeram uma salada que serviu como lanche do dia.



Nesse dia pudemos compreender a satisfação e a motivação dos alunos com esta atividade que além da leitura trabalhou vários outros conhecimentos.

A partir dessa experiência tivemos a ideia de aplicar um questionário para entender como os alunos se sentiam com as atividades de leitura e se esse estímulo surgia apenas da professora na escola ou se em casa teria alguma motivação para essa prática.

O nosso questionário foi composto por quatro perguntas objetivas nas quais os alunos deveriam marcar as seguintes alternativas: SIM, NÃO ou ÀS VEZES. E duas questões subjetivas como meio de avaliar a escrita dos alunos. Sendo aplicado com 15 alunos do 3º ano.

Com a análise das entrevistas ficou claro o sentimento de emoção e prazer que essas crianças sentem ao serem questionadas sobre o como eles se sentem ao ler um livro. Dos 15 entrevistados ao serem questionados se eles gostavam de ler – 12 alunos disseram SIM, 3 responderam ÀS VEZES e nenhum aluno respondeu NÃO. O que comprova que são motivados à leitura visto que a grande maioria afirma o gosto pela leitura. Comprovando o fato que nos chamou atenção que é como se dá o processo de formação de leitores nesta instituição, que apesar de não oferecer uma estrutura física confortável e de boa aparência vem encontrando meios através da dedicação e esforço da comunidade escolar para reverter as possíveis causas que levam os nossos alunos ao fracasso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho expõe dados sobre o processo de formação de leitores e foi desenvolvido na Escola Municipal São Vicente de Paula, Sapé - PB, constituindo uma avaliação que dará conceito de conclusão de curso de Pedagogia. A escolha por esta temática se deu através do interesse de analisar como uma escola de estrutura precária cativa a comunidade escolar, o que se constata pela procura de vagas e o aumento do número de discentes matriculados.

A partir das informações coletadas podemos constatar que a escola reconhece a importância do ato de ler, buscando criar oportunidades para a integração da leitura no convívio escolar.

Presenciamos o desenvolver das atividades escolares sendo conduzidas pelo professor, percebendo que responsabilidade e compromisso docentes são necessários para adquirir um resultado proveitoso, não só bastando depositar o conhecimento ao aluno, mais oportunizar-lhe uma formação íntegra.

Diante de tais constatações, ressaltamos que a escola busca o aprimoramento de sua prática, apostando na leitura como instrumento de formação do indivíduo; para isso conta com professores que, não apenas apresentam perfil de leitores, mas estão engajados na tarefa de formar leitores, apresentando atitudes contagiantes e estimulantes na tarefa de ensinar a ler.

Ao final deste trabalho, podemos dizer que essa escola é participativa e caminha para uma formação desejável e, mesmo havendo momento de dificuldades, a vontade de fazer diferente e qualificar a formação dos alunos que estão ali inseridos impulsiona os professores a não só acreditar que a educação pode melhorar, mas sair das palavras e fazer na prática. Esta constatação nos leva a afirmar que a vontade responsável, o trabalho em equipe, a articulação da escola com a comunidade, o planejamento são fatores que contribuem para o êxito das práticas pedagógicas numa escola. Outro aspecto importantíssimo que concorre para que os alunos dessa escola sejam leitores, é que toda a comunidade escolar está envolvida nesse processo, ou seja, não é uma responsabilidade apenas da professora em sala de aula, mas da comunidade escolar como um todo.

O intuito de trazer uma experiência de leitura que está dando certo, portanto é exitosa, foi para quebrar um pouco com várias afirmações que já fazem parte do senso comum: brasileiro não gosta de ler, a escola pública não forma leitores; cada vez se lê menos na escola; o ensino da leitura e da escrita vai de mal a pior, entre outras. Por outro lado, precisamos assinalar as experiências que dão certo, para que sirvam de estímulo a outras pessoas.

Todavia, o fato de identificar que uma escola em condições precárias vem desenvolvendo bem o seu papel não deve ser motivo de conformismo com a situação de precarização das escolas públicas. São exemplos pontuais. Continuamos precisando de escolas com todas as condições de funcionamento; continua sendo necessário que o trabalho docente seja reconhecido e valorizado; precisamos de mais livros, de bibliotecas, de bibliotecários; as questões estruturais desta sociedade precisam ser resolvidas, para que possamos acreditar que, de fato, os governantes querem um país de leitores e leitoras, um país educado. Isto é o que queremos!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy et al. (orgs). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.235-256.

BARRETO, Ivana. A importância do processo de formação de leitores para o campo da comunicação social. 10 ed. **Revista Contemporânea**, Petrópolis-RJ, p.2026,2008.Disponívelem:http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_10/contemporanea_n10_ivana_barreto.pdf

BENITEZ Afonso, Priscila. **Desenvolvendo o hábito da leitura nos anos iniciais da educação formal**. Priscila Benitez Afonso. - São Carlos: UFSCar, 2011. 12f.

BRANDÃO, H. H. N.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, L. (coord) **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. 4. Ed. - São Paulo: Cortez, 2002. V. 2.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE):leitura e bibliotecas publicas na escolas públicas brasileiras**/Secretaria da Educação Básica,Coordenação-Geral de Materiais Didáticos;elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. – Brasília;Ministério da Educação,2008.130p.;Il.color.;24cm

BRASIL, Ministério da Educação. **Indicadores da Qualidade na Educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa**, SEB/MEC (coordenadores)-São Paulo: Ação Educativa, 2006. Disponível em:http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Pro_cons/indqual_2.pdf

BRASIL, Assembléia Nacional Constituinte. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal/Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1988.

BRASIL, Congresso Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União n. 248, de 23/12/96 – Seção I, p. 27833. Brasília, 1996

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares e nacionais**; língua portuguesa. 3. ed. Brasília: SEC/ MEC, 2001.3v.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CARDOSO, Giane Carrera; PELOZO, Rita de Cássia Borguetti. A importância da leitura na formação do indivíduo. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, Garça, SP, v. 5, n. 09, p. 01-07, 2007.

CAGLIARI, Carlos Luiz. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2004.

DEWEY, J. **Experiência e Educação**. 3 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

DUTRA, Vânia L. R. Abordagem funcional da gramática na Escola Básica. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba, 2011. Disponível em: www.abralin.org. Acesso em junho de 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Cortez, 1985. (Col. Polêmicas do Nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à leitura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneiro, 1991.

IOSIF, Ranilce Mascarenhas Guimarães. **A qualidade da educação na escola pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação da pobreza e desigualdade no Brasil**. Brasília, 2007. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?Codrquivo=3261
Acesso em: 14 de Fev. de 2014.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. **Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013**.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 07, p. 19-41, 1998.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**. Campinas: Pontes, 1989.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola**. São Paulo: Mercado Aberto, 1982

LEFFA, Vilson J. ; LOPES, Rita de Cássia Campos. Evolução do Conceito de leitura em alunos da 2ª à 8ª série. **Anais IX Encontro Nacional da ANPOLL**. Caxambu, MG, 12 a 16 de junho de 1994, p. 13-115.

MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura, literatura e escola**; sobre a formação do gosto. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real**; o lugar da poesia na ficção. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVA ESCOLA. A Leitura deve dar prazer. Entrevista com Ana Maria Machado. Setembro, 2001. <Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>> Acesso em: 26 Fev.2014

NOVA ESCOLA. Entrevista com Ana Maria Machado. Edição nº 145, Setembro, 2001. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-deve-dar-prazer-423594.shtml>> Acesso em 28 fev. 2014

NOVA ESCOLA. Formas criativas para estimular a mente de alunos com deficiência. Edição 223, Junho 2009. <Disponível em:

<http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/formas-criativas-estimular-mente-deficientes-intelectuais-476406.shtml>> Acesso em 28 Mar.2014.

OLGA, Arend Clarisse. A leitura e o adolescente do ensino médio: um estudo de caso no Colégio Estadual Inácio Montanha, Porto Alegre-RS. <Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22711/000740399.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28/03/2014

PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.1, p. 12-17. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/salto>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

ROCHA, T.B. **Práticas de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental**: implicações para a formação do leitor crítico. Dissertação de Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. 2008. Acesso em 23/12/2013.

SILVA, Divina Aparecida da ; ARAÚJO, Iza Antunes. Auxiliar de biblioteca: técnicas e práticas para formação profissional. In: **Classificação de Bibliotecas**. 6. ed. Brasília: Thesaurus. p. 26. 2003.

SILVA, Ezequiel T. **Leitura e realidade brasileira**. Porto alegre: mercado aberto, 1997.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno**: processos de formação continuada. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: www.unesp.br. Acesso em: 24 fev. 2014.

STRIQUER, Marilúcia dos Santos Domingos. **Os objetivos de leitura no livro didático**. Dissertação de Mestrado em Letras. Universidade Estadual de Maringá, 2007.

TERZI, S. B. **A construção da leitura**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

UNIVERSIDADE DO MINHO. Instituto de Educação e Psicologia. Ler bem para aprender melhor: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da descodificação leitora. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2999/1/TESE.pdf> Acesso em: 27Fev.2014.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark / Dunya ed.,1999

APÊNDICES

APÊNDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) _____

Esta pesquisa tem como título “A leitura no ensino fundamental: uma análise do processo de formação de leitores no 3º ano da Escola Municipal São Vicente de Paula no município de Sapé - PB”. É parte do Trabalho de Conclusão de Curso que está sendo desenvolvida por nós, Andréia Barbosa do nascimento matrícula 10923724 Francislayne Firmino Sales da Silva matrícula 109237 e Maria Paula da Silva matrícula 109237, alunas do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Lúcia Nunes (DHP/CE/UFPB).

Através deste termo de consentimento, solicitamos sua colaboração para a realização da pesquisa, bem como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações da área de educação. Informamos que por ocasião da publicação dos resultados seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação é voluntária e informamos que as pesquisadoras e a professora orientadora estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, compreendo que estarei cedendo, a partir desta data, as informações que prestei para que sejam utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições, pelas pesquisadoras. Compreendo, também, que estará assegurado o anonimato de minhas informações nos resultados dos dados obtidos.

Assim, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

João Pessoa, ____/____/ 2013.

Assinatura do Participante da Pesquisa
RG:

Andréia Barbosa do Nascimento
Contato: (83)87721075

Francislayne Firmino Sales da Silva
Contato: (83) 91861159

Maria Paula da Silva
Contato: (83) 9181-1216

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIOS PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES E ALUNOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO (Professor)

I-IDENTIFICAÇÃO

1.1-Escola: _____

1.2- Município: _____

1.3-Sexo: Feminino () Masculino () 1.4: Idade: _____

1.5-Formação Profissional : _____

1.6-Tempo de experiência em sala de aula _____

II- EM RELAÇÃO À LEITURA E A ATUAÇÃO DOCENTE

1-Como você conceitua o ato de ler?

2-Como você motiva os seus alunos para a leitura?

3-Em sua opinião, que fatores contribuem para que os educandos adquiram o gosto pela leitura?

4-Que barreiras são encontradas por você no dia a dia escolar que dificultam o domínio da leitura nos alunos?

5-Como você descreve o perfil de um aluno com dificuldades de aprendizagem na leitura?

6-Existe alguma atividade voltada apenas para a leitura, aplicada na sala de aula?

7-Você segue um referencial teórico determinado para ensinar o seu aluno a ler? Qual?

8- Com um mundo cada vez mais virtual, como as tecnologias podem contribuir como instrumento pedagógico? E como o hábito de leitura pode ser retomado com o apoio da tecnologia?

9- Você tem algum aluno com alguma deficiência? Qual? E como você trabalha a leitura com o mesmo?

10- Quais as principais dificuldades encontradas?

“Leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo, que nos interessa a viver” *Paulo Freire*



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONARIO (Aluno)

I-IDENTIFICAÇÃO

1.1-Escola:_____

1.2- Município:_____

1.3-Sexo: Feminino () Masculino ()

1.4: Idade: _____(anos)

1.5: Profissão do pai:_____

II- RESPONDA

1-Você gosta de ler?

() Sim () Não () às vezes

2-Você entende o que ler?

() Sim () Não () às vezes

3- Você costuma ler na escola?

() Sim () Não () às vezes

4-Que tipos de livro você ler na escola:

() revistas () Jornais () Livros de poesia

() livros infantil () historias em quadrinhos () Livros de estudo (didático)

5- Você é incentivado para ler quando esta em casa?

() sim () Não () Às vezes

6- O que você sente ao ler um livro?

7-Qual a atividade que você mais gosta de fazer na escola?

“A melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros...” José Morais